

4.

Práticas, rotinas e estratégias

A Pesquisa Nacional de Saúde, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que em 2013 mais de 13 milhões de brasileiros trabalhavam entre dez horas da noite e cinco da manhã. Esse número representa quase 15% dos brasileiros empregados. No Rio de Janeiro, essa proporção aumenta. Mais de 16% dos moradores do estado com emprego fixo trabalham à noite e de madrugada. Paralelamente a isso, as pesquisas sobre os trabalhadores da madrugada são raras. Apesar de despertarem os interesses de emissoras de televisão e de reportagens de comportamento sobre como é a vida de quem trabalha enquanto todos dormem, os profissionais desse horário e suas rotinas são pouco estudados pela Academia.

Em meio a tantas categorias, não é difícil imaginar que os jornalistas também teriam seus representantes nesse horário. O interesse por assuntos que acontecem de madrugada não é recente. Basta abrir o acervo digital do Jornal O Globo⁴² e encontrar na primeira edição do jornal, em julho de 1925, a notícia de que bandidos tentaram roubar durante a madrugada um bar na Gávea. Ao longo dos anos, os jornais começaram a escalar repórteres para virar a noite em busca desses acontecimentos. Se a reportagem na madrugada não é recente, os novos contextos sociais contribuem para reforçar a importância que ela assume. Martín-Barbero (1998) defende que a mídia é o espaço de mediação para as cidades contemporâneas. “A hegemonia do paradigma informacional sobre a dinâmica do urbano leva a descobrir que a cidade já não é só um ‘espaço ocupado’ ou construído, mas é também um *espaço comunicacional*” (1998, p.61, grifos do original). A mídia conecta os territórios entre si e com o mundo. Nesse contexto, a necessidade social de informação gera um fluxo contínuo, que representa conhecimento e compreensão do mundo do qual o próprio público faz parte. Esse fluxo não pode ser interrompido, não importa a hora. É necessário estar atento a todo tempo, inclusive de madrugada.

⁴² Reportagem “Em meio do saque... os ladrões foram surpreendidos. Tiros, cacetadas, etc”. Jornal O Globo, dia 29 de julho de 1925. Disponível no acervo digital do jornal: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>.

4.1.

Um olhar para si

As hipóteses iniciais deste trabalho foram estabelecidas em função da minha própria experiência como um desses repórteres da madrugada. Howard Becker argumenta que, nas ciências sociais aplicadas, ao estudar a vida social, “na qual estamos todos envolvidos, a capacidade de fazer uso imaginativo da experiência pessoal e a própria qualidade da experiência pessoal de alguém serão contribuições importantes para a capacitação técnica dessa pessoa” (1993, p.44). Foi trabalhando que percebi que as práticas jornalísticas e a rotina dos jornalistas da madrugada eram diferentes das daqueles que atuam de dia. Mas faltava esmiuçar e aprofundar de que forma essa diferença se expressava já que tanto os repórteres diurnos quanto os noturnos compartilham da mesma cultura profissional. Partimos, então, das seguintes hipóteses: a) há uma colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos na madrugada; b) o processo de apuração de madrugada é à moda antiga, ou seja, o jornalista tem menos filtros no processo de apuração com as fontes; c) o trabalho na madrugada tem limitações impostas pelo horário – como segurança e tecnologia – que interferem diretamente na seleção das pautas e em como elas tomarão forma na veiculação final; d) os repórteres se apropriam mais da relação com as fontes para o processo de apuração do que de dia; e) os repórteres vão mais às ruas para construir uma reportagem do que de dia. “A formulação dessas hipóteses ajuda a encontrar um norte para o trabalho de pesquisa. A partir da hipótese, percebe-se qual rumo deve ser seguido” (BARROS e JUNQUEIRA, 2014, p.43).

Para guiar o trabalho científico e descobrir se as hipóteses se confirmam ou não, escolhemos a seguinte metodologia: 1) pesquisa de campo reflexiva com viés etnográfico; 2) entrevistas em profundidade; 3) revisão bibliográfica; 4) cruzamento dos dados e análise dos resultados obtidos a partir da pesquisa de campo, das entrevistas em profundidade e da revisão bibliográfica. Aqui cabem algumas observações sobre os referenciais teóricos que norteiam a escolha metodológica.

A etnografia é um método antropológico usado para a coleta de dados, onde o pesquisador se insere na cultura em que deseja pesquisar e convive no intuito de entender o funcionamento de um grupo ou de uma sociedade. Clifford Geertz defende que a etnografia exige o que ele chama de “descrição densa”. “Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito desbotado, cheio de elipses,

incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, p.20). E complementa que o antropólogo precisa apreender as culturas para que possa, posteriormente, interpretar de que forma os atos individuais interferem na dinâmica de forças de um determinado contexto social. “Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social, que as formas culturais encontram articulação” (id., ib., p.27). O fazer etnográfico é, então, “um mergulho no microssocial, olhando com lente de aumento” (SEVERINO, 2007, p.119). No nosso trabalho, vamos nos apropriar de elementos do método etnográfico, como a pesquisa e o diário de campo.

Nossa pesquisa de campo é “reflexiva”, pois o pesquisador faz parte do grupo analisado. “Reflexividade sugere que a linguagem (...) é algo inerente à ação social e atua sobre nossa experiência de tal modo que nos permite constantemente revisar nossa apreensão de nós mesmos e do mundo” (DUNNE, PRYOR e YATES, 2005, p.22)⁴³. Não se trata apenas de influências na formulação das hipóteses. Durante a pesquisa, a minha experiência profissional contribuiu para o processo de observação e de construção do conhecimento.

Em etnografias reflexivas, a experiência pessoal do pesquisador se torna importante principalmente em como ilumina a cultura em estudo. As etnografias reflexivas variam ao longo de um contínuo do início da pesquisa ao trabalho final, em que a experiência do pesquisador é realmente estudada juntamente com outros participantes, inclusive narrativas próprias onde as experiências do pesquisador tornam-se o foco da investigação⁴⁴ (ELLIS e BOCHNER, 2000, p.740).

Pesquisar o ambiente de trabalho e/ou o ambiente no qual o pesquisador está inserido traz vantagens e desvantagens para o processo. Em sua dissertação de mestrado, Michelle Roxo (2005) estudou as identidades sociais dos jornalistas que trabalhavam no mesmo jornal que ela a partir de uma pesquisa de campo na própria empresa onde trabalha. Ela enumerou na discussão metodológica questões que envolvem a pesquisa no ambiente de trabalho.

⁴³ Tradução do autor. No original: “Reflexivity suggest that language is (...) something that inheres in social action and plays over our experience in such a way as to enable us constantly to revise our apprehension of ourselves and the world”.

⁴⁴ Tradução do autor. No original: “In reflexive ethnographies, the researcher’s personal experience becomes important primarily in how it illuminates the culture under study. Reflexive ethnographies range along a continuum from starting research from one’s own experience to ethnographies where the researcher’s experience is actually studied along with other participants, to confessional tales where the researcher’s experiences of doing the study become the focus of investigation”.

As vantagens foram a familiaridade com o grupo pesquisado, o domínio de sua linguagem natural, a confiança do grupo, o livre acesso ao local de pesquisa e a possibilidade de observar várias etapas do contexto produtivo desses agentes, inclusive os momentos de tensão - que talvez não estariam facilmente expostos ao observador estrangeiro ou que, de outra forma, passariam despercebidos. As desvantagens repousaram, sobretudo, na possibilidade de desvio (bias), ou seja, na tendência do pesquisador de querer proteger o grupo investigado, adotar posturas pouco críticas em relação a esse grupo ou ver apenas eventos que estejam de acordo com suas hipóteses iniciais de pesquisa. A pesquisadora conviveu com esses sujeitos por um longo período e os tem como companheiros para além do objeto de estudo, especialmente alguns - com os quais já mantemos uma relação de intimidade (ROXO, 2005, p.101-102).

A situação da pesquisadora é bem semelhante à vivida por mim. A diferença é que a minha pesquisa de campo não abordou as rotinas produtivas dentro de uma determinada empresa. Mas sim as interações e práticas profissionais de membros de um grupo: os funcionários de empresas jornalísticas que trabalham na rua com notícia durante a madrugada. Os processos internos das redações foram obtidos através de entrevistas de profundidade.

O diário de campo da nossa pesquisa contempla experiências que tive como repórter da madrugada da TV Globo entre junho e dezembro de 2016. Se “um problema que aflige quase todos os pesquisadores – pelo menos todos aqueles que tentam estudar, por qualquer método, organizações, grupos e comunidades do mundo real – é se inserir” (BECKER, 1993, p.34), no meu caso, o fato de já fazer parte do grupo eliminou essa questão. As observações foram feitas durante meu horário de trabalho, porém sem prejuízo ao mesmo. Os demais repórteres da madrugada foram avisados boca a boca da minha observação para um trabalho acadêmico. E alguns, selecionados e convidados, me encontraram posteriormente em uma semana específica do mês de novembro de 2016 para as entrevistas em profundidade. Minha experiência na madrugada começou em maio de 2016. Na época, eu já tinha me tornado repórter, mas ainda fazia pilotos para uma futura entrada no ar. No total, foram 13 datas com anotações registradas. Importante destacar que as observações no diário de campo não foram diárias e que só foram feitas nos dias em que havia interações entre diferentes equipes de reportagem em campo. Dentre o período pesquisado – junho e dezembro de 2016 – há uma lacuna de observações em dois espaços de tempo: no mês de agosto, quando aconteceram os Jogos Olímpicos do Rio, e houve uma predominância de pautas produzidas em detrimento do noticiário factual, não tendo havido nenhum encontro com jornalistas de outras empresas que atendessem aos critérios acima descritos; e no mês de outubro

quando cobri licença médica de outra colega no período da manhã e estava, por esse motivo, fora do horário pesquisado. Se em um impulso, Michelle Roxo “foi desafiada a sair do campo para olhar de fora o próprio campo em que se encontrava inserida” (2005, p.103), no caso da nossa pesquisa, não houve saída do campo. O pesquisador olhou para dentro do próprio campo em que estava inserido sem parar de exercer sua função profissional para a empresa em que trabalha.

Como forma de entender melhor como aconteciam os fluxos de trabalho em cada redação e também como os próprios trabalhadores se viam e viam seus próprios trabalhos, optamos pelo método da entrevista em profundidade. A escolha dessa metodologia levou em consideração o fato do campo jornalístico ser marcado por disputas comerciais em um grau maior até mesmo do que outros campos como o jurídico e o científico (BOURDIEU, 1997), uma vez que o jornalismo “está permanentemente sujeito à prova dos vereditos do mercado, através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência” (1997, p.106). E que, por isso, seria muito difícil conseguir autorização de diferentes veículos de comunicação para acompanhar as rotinas dentro de cada redação, levando-se em conta que esses processos são tratados com sigilo e que o pesquisador trabalha para um desses veículos. Abrir para mim esses *bunkers*, ou seja, as redações, poderia ser interpretado como detalhar os segredos operacionais para um concorrente. Mas não foi só esse motivo. A escolha das entrevistas em profundidade passa também pela possibilidade de dar voz a cada um dos profissionais que trabalha na madrugada e apreender deles opiniões, visões e sentimentos não apenas sobre as rotinas jornalísticas, mas sobre as relações pessoais. “A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos no quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2014, p.64). Duarte (2014) classifica as entrevistas em profundidade em três tipos: fechadas, semi-abertas e abertas. O primeiro é usado para pesquisas quantitativas quando um formulário é aplicado ao entrevistado. O segundo e o terceiro tipos são adequados a pesquisas qualitativas, como é o caso da nossa. Optamos por um roteiro semi-aberto, onde há uma série de questões-guia nas quais o pesquisador pode avaliar se deve se aprofundar mais ou menos em algum tema ou pergunta de acordo com o andamento da entrevista. Desenvolvi, então, uma sequência de perguntas a partir

dos questionamentos desse trabalho e com o objetivo de validar ou refutar as hipóteses sugeridas. O roteiro das entrevistas foi o seguinte:

- 1) Apresentação. Nome, tempo de profissão, como foi parar na madrugada? Quanto tempo está / ficou trabalhando no horário?;
- 2) Qual é a estrutura do seu veículo na madrugada? Quantas pessoas e quem trabalha(m) com você nesse horário? Sabe dizer se a estrutura está maior ou mais enxuta do que era?;
- 3) Como é a sua rotina?;
- 4) Como as práticas jornalísticas e a rotina dos profissionais da madrugada são diferentes daqueles que trabalham em período diurno?;
- 5) Há uma colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos? Como?;
- 6) Como funciona o processo de apuração em um horário em que não há assessorias de imprensa funcionando? Há uma relação diferente com as fontes?;
- 7) Para você, quais são as limitações impostas pelo horário? Segurança? Tecnologia? Edição?;
- 8) Como se define o que é pauta na madrugada? Que aspectos fazem com que você “corra”⁴⁵ para uma determinada história e não para outra?;
- 9) Há uma tendência grande no jornalismo dos repórteres irem cada vez menos para as ruas. Na madrugada, você acha que essa tendência se confirma ou não?;
- 10) Que tipos de assuntos mais se aborda na madrugada?;
- 11) Uma cobertura marcante...;
- 12) Você gosta / gostava de trabalhar de madrugada?;
- 13) Quais diferenciais o profissional da madrugada precisa ter?;
- 14) O que te motiva a trabalhar na madrugada?;
- 15) Como você definiria um repórter da madrugada, considerando como “repórter” todo aquele que produz conteúdo jornalístico na madrugada?

A partir da definição do roteiro de perguntas, passamos, então, à definição das fontes que seriam ouvidas neste trabalho.

A amostra, em entrevistas em profundidade, não tem seu significado mais usual, o de representatividade estatística de determinado universo. Está mais ligada à significação e à capacidade que as fontes têm de dar informações confiáveis e relevantes sobre o tema da pesquisa. Boa parte da validade da pesquisa está associada à seleção (DUARTE, 2014, p.68).

⁴⁵ Correr aqui significa investir, apostar, ir a campo. É um jargão muito utilizado no meio jornalístico. Correr para uma pauta é, ao avaliar que ela atende aos critérios de noticiabilidade, o repórter sair de onde está em direção ao local onde a história se desenrola.

A seleção dos entrevistados ocorreu de forma intencional, ou seja, “quando o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva” (id., ib., p.69). Na escolha dos nomes foram levados em consideração alguns pontos: i) diversidade de entrevistados que possa corresponder a cada um dos principais veículos de comunicação com equipes em atividade na madrugada na cidade do Rio atualmente; ii) variedade de funções, entre as exercidas por jornalistas e também aquelas de apoio técnico ao jornalismo, para uma composição de visões mais diversa possível; iii) participação de profissionais que não trabalham mais na madrugada para permitir comparações entre as práticas jornalísticas no horário ao longo dos anos.

Nossa lista chegou inicialmente a 21 nomes, incluindo repórteres de jornal, rádio e TV, fotógrafos, repórteres cinematográficos, produtores, editores, técnicos e motoristas. Importante destacar que os técnicos e motoristas foram incluídos e são tratados nesta dissertação também como repórteres. Isso se deve a uma observação pessoal deste pesquisador como jornalista da importância do papel desses profissionais na prática da reportagem. Longe de querermos aqui criar uma discussão sobre a qualificação do jornalista e a necessidade acadêmica para a realização do trabalho jornalístico, é inegável a participação que motoristas e técnicos têm no processo de construção da notícia – não apenas por executarem os seus trabalhos, de apoio à produção de conteúdo, mas por eles próprios serem produtores de conteúdo contribuindo ativamente para o processo inclusive de apuração. Para esse entendimento, busco amparo, além do conhecimento empírico, em Sylvia Moretzsohn (2013):

Motoristas de jornal sempre foram parte fundamental da produção de reportagens. Apesar disso, parecem condenados ao silêncio: não têm sua importância reconhecida pelo mundo acadêmico, que não os considera objeto de pesquisa, nem por jornalistas que narram suas trajetórias em livros, tampouco pelo público, que ignora – mas provavelmente se interessaria em saber – como são feitas as notícias (p.9/10).

Para a realização das entrevistas, tirei dez dias de férias do meu trabalho na TV Globo no início do mês de novembro de 2016. Notei que a concordância com a entrevista foi mais fácil entre os profissionais da TV Globo. Suspeitamos que a facilidade no aceite seja pelo fato de que estes são meus colegas de trabalho. No entanto, o único profissional que não aceitou ser entrevistado também é meu colega de empresa. Trata-se de um repórter cinematográfico que prometeu dar retorno

sobre uma data para a entrevista, mas, apesar das minhas insistências, não tocou mais no assunto. Encontrei também um pouco de resistência para conseguir marcar um horário nas entrevistas com os profissionais da Record TV, pois esta é a principal emissora concorrente da TV Globo, onde tenho vínculo profissional. Os dois entrevistados do SBT pediram para serem entrevistados juntos, o que foi acatado por mim pois não haveria nenhum prejuízo à entrevista. Todas as entrevistas aconteceram presencialmente em diversos horários e locais nas duas primeiras semanas de novembro de 2016, conforme apresentado na tabela 1. Os entrevistados aceitaram ser gravados e foram informados de que as íntegras das entrevistas seriam disponibilizadas com a devida identificação no fim deste trabalho. Todos concordaram. Da lista inicial, tivemos uma recusa e um novo nome foi incluído. Durante a realização das primeiras entrevistas, descobri que o grupo de WhatsApp que reúne os jornalistas da madrugada foi criado pela repórter Dayana Resende, do Jornal O Globo, que não trabalha mais no horário.

Relevante, neste caso, é que as fontes sejam consideradas não apenas válidas, mas também suficientes para responder à questão de pesquisa, o que torna normais, durante a pesquisa de campo, novas indicações de pessoas que possam contribuir com o trabalho e, portanto, ser acrescentadas à lista de entrevistados (DUARTE, 2014, p.69).

Sendo assim, fiz contato com Dayana e a incluí na lista de entrevistados assim que ela aceitou contribuir para o trabalho. A tabela 1 apresenta informações sobre as entrevistas.

Sobre a revisão bibliográfica, importante destacar que “a revisão da literatura é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa, iniciando com a formulação do problema e/ou objetivos do estudo e indo até a análise dos resultados” (STUMPF, 2014, p.52). Becker (2007) afirma que “todos nós trabalhamos com conceitos. O tempo todo” (p.148). É a partir da revisão bibliográfica que esses conceitos podem ser aplicados aos resultados obtidos a partir das entrevistas em profundidade e da pesquisa de campo. A leitura de textos relacionados ao jornalismo, às práticas profissionais e também às ciências sociais nortearam a realização deste trabalho do início ao fim.

Tabela 1. Lista de entrevistas

Entrevistas			
Entrevistado	Função	Data e horário	Local
Aldir Cony	editor da TV Bandeirantes	quinta, 10/11, às 12h	em um restaurante em Botafogo
Bruno Sponchiado	editor da TV Globo	segunda, 07/11, às 07h30	padaria século XX, no Jardim Botânico
Dayana Resende	repórter do Jornal O Globo	quarta-feira, 09/11, às 22h	no pátio do Jornal O Globo, no Centro
Denilson Milanez	técnico do SBT	segunda, 07/11, às 20h	em uma sala do SBT, em São Cristóvão
Dennis Queiroz	repórter da Record TV	quinta-feira, 10/11, às 0h30	em frente à sede da Record TV, na época, em Benfica
Evandro Cardoso	repórter cinematográfico da TV Globo	terça, 08/11, às 11h30	no campus João Uchôa da Universidade Estácio de Sá, no Estácio
Felipe Barcellos	produtor da Record TV	quarta-feira, 09/11, às 13h	no cinema São Luiz, no Largo do Machado
Luarlindo Ernesto	repórter do Jornal O Dia	quarta-feira, 09/11, às 11h	na casa dele, em Água Santa
Lúcio Castro	repórter da TV Bandeirantes	quarta-feira, 09/11, às 15h	na casa dele, em Laranjeiras
Luiz Carlos Janotti	técnico da TV Globo	quarta-feira, 09/11, às 23h	em uma sala da TV Globo, no Jardim Botânico
Marcelo Moreira	editor-chefe da TV Globo	quinta, 10/11, às 10h	em uma sala da TV Globo, no Jardim Botânico
Marcos Antônio de Jesus	repórter da rádio CBN	terça, 08/11, às 06h	na sala da apuração da CBN, na Glória
Mariana Cardoso	produtora da TV Globo	segunda, 07/11, às 08h30	café Emporio Jardim, no Jardim Botânico
Matheus Giffoni	subchefe de reportagem da TV Globo	segunda, 07/11, às 10h	café La Bicyclette, no Jardim Botânico
Milton Rocha	repórter cinematográfico do SBT	segunda, 07/11, às 20h	em uma sala do SBT, em São Cristóvão
Moabe Ferreira	repórter cinematográfico da TV Bandeirantes	quinta, 10/11, às 14h30	na casa dele, no Engenho de Dentro
Osvaldo Praddo	ex-fotógrafo do Jornal O Dia	terça-feira, 08/11, às 21h	na casa dele, em Vila Isabel
Pedro Teixeira	fotógrafo do Jornal O Globo	quinta, 10/11, às 07h30	em um café ao lado do jornal O Globo, no Centro
Priscila Chagas	repórter da TV Globo	quinta, 10/11, às 09h	café La Bicyclette, no Jardim Botânico
Rafael Nascimento	repórter do jornal O Globo	terça, 08/11, às 07h30	em um café ao lado do jornal O Globo, no Centro
Roberto Martiniano	conselheiro fiscal do Sindicato dos Radialistas	terça, 08/11, às 10h	café La Bicyclette, no Jardim Botânico

4.2.

Nossos personagens

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante.

Nilson Lage. O repórter como agente.

O repórter é a figura mais característica do trabalho jornalístico. Não à toa, esta função é frequentemente confundida com a própria profissão (WALTZ, 2015; ASSIS, 2016), chegando a assumir ares mitológicos (NEVEU, 2009). “(...) Creio ser a atividade de repórter uma função paradigmática para a carreira. Tal função resume em si diversas ocupações dentro do jornalismo. (...) Para o grande público e o senso comum, é a sua imagem que define o jornalista” (TRAVANCAS, 1993, p.37/38). Ser repórter ultrapassa o exercício de uma função de trabalho jornalístico. “É, de fato, ocupar um lugar simbólico demarcado dentro do campo de disputas que se constitui o jornalismo, conforme o sentido proposto por Pierre Bourdieu” (ASSIS, 2016, p.2). Por isso, nesta dissertação, consideraremos como repórteres profissionais de funções diferentes, mas que trabalham na produção de conteúdo jornalístico: são os próprios repórteres, mas também os fotógrafos, repórteres cinematográficos, produtores, editores, técnicos e motoristas. O grupo que compõe a madrugada é diverso. No total, foram 21 entrevistados que trabalham para sete veículos de comunicação diferentes. Apenas um deles não está mais na ativa em nenhum horário. Todos os que ainda estão na madrugada têm a maior parte da sua jornada de trabalho no período entre dez da noite e cinco da manhã, com variações nos horários de empresa para empresa.

Da TV Globo, a empresa onde trabalho, foram oito profissionais. O primeiro deles foi Bruno Sponchiado, de 24 anos⁴⁶. Jornalista, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2013, Bruno foi meu colega de turma na faculdade. Durante a graduação, estagiou na Reitoria da UFRJ e na Rádio Tupi, onde cobriu esportes. Entramos juntos no programa de estágio da TV Globo, em 2012. E fomos efetivados juntos em 2013. Em um determinado momento, nossa trajetória seguiu caminhos diferentes. Bruno queria se tornar editor de texto e a oportunidade era uma vaga na madrugada, onde permaneceu por quase um ano. Na época da

⁴⁶ As idades dos entrevistados são aquelas que eles declararam ter nas datas das entrevistas – lembrando que estas aconteceram em novembro de 2016.

entrevista, Bruno continuava trabalhando no Bom Dia Rio, como editor do Radar – quadro de tempo, trânsito e prestação de serviços –, mas já tinha saído da equipe da madrugada e entrava às quatro da manhã.

Evandro Cardoso, 42, é repórter cinematográfico. Trabalha todo dia de meia-noite às sete horas da manhã. Na época da entrevista, estava na madrugada há um ano e três meses. O Evandro é o cinegrafista com quem eu trabalho toda madrugada. Ele começou em televisão em 1996, como assistente de câmera da TV Educativa, hoje TV Brasil. Na própria TV Educativa, se tornou repórter cinematográfico até que foi chamado para a TV Globo.

Luiz Carlos Janotti, de 46 anos, é técnico. Na Globo, os técnicos acumulam também a função de motorista. Junto com o Evandro Cardoso, compõe a equipe de reportagem da madrugada da qual faço parte. Trabalha no jornalismo da Globo há dez anos, sendo quatro na madrugada.

Marcelo Moreira, 47, é editor-chefe de Projetos Especiais da Editoria Rio. Formado pela Universidade Gama Filho, em 1991, foi repórter do Jornal O Dia, do extinto jornal A Notícia, da Folha Dirigida e do Jornal do Brasil. Em 1999, foi chamado para trabalhar na TV Globo como chefe de produção. Desde então, se tornou chefe de reportagem, editor coordenador, editor-chefe do RJTV Segunda Edição até passar a liderar o grupo de Projetos Especiais em 2014. Marcelo foi meu chefe durante um ano e três meses quando eu fui editor do Núcleo de Projetos Especiais. Os relatos do Marcelo nesta dissertação, no entanto, não dizem respeito às funções que exerce atualmente, mas sim ao período que foi repórter da madrugada dos Jornais O Dia, A Notícia e o Jornal do Brasil, nos anos 1990.

Mariana Cardoso, 23, é produtora de reportagem. Formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, veio ao Rio para estagiar no portal G1, da TV Globo. Após o estágio, não havia vagas e ela foi chamada para uma vaga temporária no Portal Ego⁴⁷. No fim do contrato, recebeu outro convite: desta vez para trabalhar como produtora da madrugada na Editoria Rio, função que exercia havia cinco meses na data da entrevista. Trabalha de meia-noite às oito da manhã.

Matheus Giffoni, 24, é subchefe de reportagem. Tem graduação em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense. Durante o curso, estagiou no jornal Folha Dirigida, na TV Bandeirantes, na Rádio Band News FM e no portal

⁴⁷ Portal com notícias de celebridades da TV Globo. A emissora anunciou o fim do portal em abril de 2017.

G1. Depois do período de estágio recebeu um convite para trabalhar como produtor da madrugada na Editoria Rio da TV Globo. Ficou na função por um ano e dez meses quando foi para o horário diurno como subchefe de reportagem.

Priscila Chagas, 28, é, assim como eu, repórter. O horário dela, no entanto, é diferente: de uma e meia às oito e meia da manhã. Estudou na Escola de Comunicação da UFRJ. No mercado, atuou na assessoria de imprensa da Oi e foi aprovada no Projeto Passaporte Sportv, que recruta jornalistas recém-formados para trabalharem nos canais. De lá, se tornou repórter da TV Rio Sul, afiliada da TV Globo no sul do estado do Rio. Até vir para a Editoria Rio no fim de 2015. Desde então, trabalha no horário da madrugada.

Roberto Martiniano, 72 anos, é técnico de externas. Atuou durante 23 anos na madrugada, mas se licenciou da TV em 2016 para exercer a função de conselheiro fiscal do Sindicato dos Radialistas.

Ainda em televisão, participaram das entrevistas três profissionais da TV Bandeirantes, dois do SBT e dois da Record TV.

Aldir Cony, 23, é editor do Jornal do Rio, da TV Bandeirantes. Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, estagiou no site SRZD antes de ingressar na Band, onde foi estagiário, produtor e editor. Ficou na madrugada durante cerca de seis meses, entre o final de 2014 e o meio de 2015, quando mudou de horário e a função de editor da madrugada foi extinta na Band.

Lúcio Castro, 41, é repórter da Band. Estudou Jornalismo no Centro Universitário de Barra Mansa, onde se formou em 1997. Trabalhou como estagiário e como operador na Rádio Sul Fluminense. Depois atuou como produtor e repórter na TV do mesmo grupo. A TV Sul Fluminense foi comprada pela Band e Lúcio se tornou repórter do interior da empresa até meados de 2016, quando veio ao Rio para se tornar repórter da madrugada. Trabalha diariamente das nove da noite às quatro da manhã.

Moabe Ferreira, 41, é o repórter cinematográfico da Band. Na emissora, não há técnicos durante a madrugada e Moabe acumula as funções de cinegrafista, técnico e motorista. Começou a carreira em 1996 na CNT como operador de áudio. Foi operador de câmera e se tornou cinegrafista. Em 2004, foi para a Bandeirantes e está na madrugada desde 2008.

Denilson Milanez, 49, é o técnico do SBT. Antes, foi motorista na Record e técnico na Rede TV!. Trabalha no horário das nove da noite às quatro da manhã.

Como a equipe do SBT não tem repórter, Denilson muitas vezes atua fazendo entrevistas e apurando as informações.

Milton Rocha, 50, é repórter cinematográfico do SBT. Começou a carreira como estagiário da TV Educativa, onde foi *caboman*, auxiliar de câmera, almoxarife e cinegrafista. Está na emissora há onze anos, sendo quatro na madrugada. Já passou também pela Bandeirantes, pela Rede TV! e pela extinta TV Manchete.

Dennis Queiroz, 41, é repórter da Record TV. Alagoano, estudou jornalismo na Universidade Federal de Alagoas. Trabalhou na TV Gazeta de Alagoas, na TV Anhanguera e na InterTV, afiliadas da TV Globo, na própria TV Globo em São Paulo, na Rede TV!, também em São Paulo, e na Record TV. Foram quase dez anos na madrugada da Record até que, no ano passado, Dennis mudou de horário.

Felipe Barcelos, 32 anos, estudou Jornalismo na Faculdade Helio Alonso. É produtor de reportagem da Record TV desde 2011. Ficou quase três anos como produtor de reportagem da madrugada. Antes trabalhou no entretenimento da TV Globo.

Nossa pesquisa contemplou também profissionais de rádio e jornal impresso. Marcos Antônio de Jesus, 52, fez estágio no Sistema Globo de Rádio e passou pela Rádio Jornal do Brasil e pelo jornal Última Hora. Coursou Jornalismo na Unisum. Voltou para o Sistema Globo de Rádio na década de 1990, onde trabalhou na madrugada por 24 anos. Marcos saiu do Sistema Globo em dezembro de 2016, após ter concedido entrevista para este trabalho, em uma demissão em massa. Na ocasião da entrevista, Marcos era o repórter mais antigo em atividade na madrugada.

Do Jornal O Globo, participaram três nomes. Dayana Resende, 28, foi estagiária na Band e repórter do Jornal O Fluminense. Formada pela Universidade Cândido Mendes, foi para o Jornal O Globo para ocupar uma vaga deixada na madrugada. Ficou quase um ano e agora trabalha no turno da tarde. Dayana não estava na lista inicial de repórteres a serem entrevistados, mas foi incluída por ter sido a criadora do grupo no WhatsApp “Família da Madrugada”.

Pedro Teixeira, 27, é fotógrafo. Começou a carreira no Jornal O Povo. Trabalhou como *freelancer* para o Jornal Extra até ser contratado pelo Jornal O Globo. Primeiro, trabalhou nos jornais de bairros e desde o fim de 2015 está na madrugada.

Rafael Nascimento, 28, é o atual repórter da madrugada. Kursou jornalismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estagiou na Rádio Melodia e no site da editora Ediouro, antes de participar do programa de estágio da Infoglobo – empresa que publica os jornais O Globo, Extra e Expresso. Em outubro de 2013, foi contratado como repórter setorista do Centro de Operações⁴⁸ da Prefeitura do Rio. Em outubro de 2015, foi para a madrugada. Na data da entrevista, já estava nesse horário havia um ano e um mês.

O Jornal O Dia não tem mais equipe de reportagem durante a madrugada. Mas dois profissionais ligados a esse veículo foram ouvidos por terem passado pela madrugada em outros tempos. Luarlindo Ernesto, de 73 anos, tem 59 só de carreira. Começou aos 14 anos na madrugada do Jornal Última Hora como um castigo do pai porque ele jogava boa dentro de casa. Teve passagens pelos principais jornais do Rio nas últimas décadas: Jornal O Globo, Jornal O Dia, Jornal do Brasil, exercendo além da função de repórter a de pauteiro. Atualmente trabalha nas manhãs do Jornal O Dia. Na época da entrevista, estava de licença médica, em casa.

Osvaldo Praddo, 62, é fotógrafo e foi da madrugada do Jornal O Dia por 27 anos. Ele começou a carreira como motorista do Jornal O Globo e depois se tornou fotógrafo do Jornal do Brasil, antes de seguir para O Dia. Foi para a madrugada depois de ter tido o braço quebrado durante uma cobertura de uma greve na fábrica da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Ao voltar de licença médica, ficou com dificuldade de segurar a lente teleobjetiva e optou pela madrugada quando se usa mais a lente grande angular, que é menos pesada. Em 2014, o Jornal O Dia terminou com a equipe da madrugada e ele permaneceu algum tempo em horário diurno antes de sair em uma demissão em massa.

4.3.

A ronda

Era para ser só mais uma madrugada de trabalho para os jornalistas que estavam de plantão no ano novo. A noite tinha sido calma. A atenção naqueles dias

⁴⁸ A Prefeitura do Rio tem um ambiente integrado de monitoramento do trânsito, do clima e de outras questões relativas à conservação da cidade. Nesse espaço, há uma área de imprensa onde diversos veículos, principalmente rádios, mantêm repórteres que se tornam setoristas dessa cobertura.

não estava no Rio. Na manhã seguinte, começaria no Senado Federal, em Brasília, o julgamento do processo de impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. De repente, às onze da noite, o telefone da redação toca.

“Alô, é da rádio CBN?”, pergunta uma voz ansiosa do outro lado da linha.

“Sim, boa noite. Como posso ajudar?”

“Meu namorado é investigador da Delegacia da Barra. Ele me ligou dizendo que acabou de ser chamado para um caso de uma garota morta a facadas em um terreno ali perto da Avenida das Américas”.

“Você tem mais detalhes?”

“Não muito. Mas ele ouviu falar que o corpo é muito parecido com o daquela atriz da novela, a Daniela Perez”.

Fim de ligação. “Preciso confirmar com a PM primeiro”, pensou o repórter Marcos Antônio de Jesus. Em poucos minutos, a confirmação. Bloco em uma mão, caneta na outra, Marcos saiu em direção à Barra da Tijuca, mas antes não deixou de avisar os colegas da madrugada de outros veículos. Chegou ao local junto com a mãe da vítima⁴⁹. “É uma coisa que até hoje, já são 24 anos, eu não esqueço, porque ela era pequenininha, uma menina pequena, não era alta, então aquela cena ali me marcou muito. Ela deitada perto da árvore, o corpo estava do lado da árvore e as marcas de tesourada que ela levou” (JESUS, 2016, entrevista concedida ao autor).

A prática da reportagem é o exercício de transformar a vida cotidiana em notícia. A pauta pode estar em todo lugar, pode acontecer a qualquer momento. Mas o processo de descobrir acontecimentos, fatos (SODRÉ, 2006) que tenham relevância para se tornarem notícia é fruto de um trabalho de apuração. Na história contada por Marcos Antônio de Jesus, a primeira informação surgiu a partir do recebimento de uma ligação. Esse é o ponto de partida para o início do processo de apuração. Esse trabalho acontece nas redações a partir da checagem de denúncias que chegam por telefonemas, por redes sociais ou até mesmo pela leitura de agências de notícias e veículos concorrentes. José Argolo enumera como deve ser a apuração para o descobrimento do noticiário factual, aquele que acabou de acontecer. “Imprescindível a cobertura jornalística que se desenvolve a partir de três eixos: da redação, com a ajuda do rádio-alcaguete⁵⁰ seguido da ronda

⁴⁹ História baseada na entrevista concedida ao autor pelo repórter Marcos Antônio de Jesus.

⁵⁰ Sinônimo para rádio-escuta – o rádio que funcionava nas redações e que monitorava a frequência da Polícia e dos Bombeiros.

telefônica; originária dos telefonemas transmitidos por populares e; por intermédio do repórter credenciado” (ARGOLO, 2014, p.195/196). Os repórteres setoristas que cada redação mantinha um jornalista em cada delegacia e hospital – o que o autor acima chamou de jornalistas “credenciados” – não são mais uma realidade. Hoje, grande parte das descobertas das notícias factuais, exceto em áreas especializadas como a economia, acontece a partir dos setores de “apuração” ou “escuta”. O nome é uma referência à rádio escuta policial.

Há um estreito laço entre o jornalismo na madrugada e o jornalismo policial. Dos 13 casos relatados no nosso Diário de Campo, 12 tratam de temas e reportagens que, de alguma maneira, envolvem ação de alguma polícia, da rotina violenta de crimes no Rio de Janeiro às prisões de políticos e empresários. Da mesma forma, perguntamos a todos os entrevistados qual o tipo de assunto mais era noticiado na madrugada. E a resposta foi quase unânime.

Policial. Disparado, sei lá, quase 80% do noticiário (que ele cobriu enquanto estava na madrugada) deve ter sido polícia (CONY, 2016, entrevista concedida ao autor);

Violência. Totalmente polícia. Foram dados pelo menos 20 VTs que eu fechei (...) sobre tiroteio no (Complexo do) Alemão. Nossa! Foi o tempo todo, tempo todo. (...) É o que acontece de madrugada infelizmente, né? (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor);

Eu acho que, sei lá, 80% do que eu faço hoje é em relação à violência. Essa coisa da segurança pública, homicídio, 80 ou 90% é isso (CARDOSO, E., 2016, entrevista concedida ao autor);

Ultimamente, quando eu estava na madrugada, (o assunto era) policial, muito factual de polícia que eu fazia. Era a maior parte (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor);

Tudo de ruim, cara (...) A gente vê de tudo, violência com criança, violência contra idosos (...) então é uma coisa que eu não gosto, me sinto mal às vezes (JANOTTI, 2016, entrevista concedida ao autor);

Violência, segurança. A maior parte é violência de longe. Todo dia tem um baleado, todo dia. Não tem um dia que não tenha um baleado na madrugada na Região Metropolitana. É triste até (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor);

Ah, cara, homicídio não tem jeito. Infelizmente, a gente acaba ficando um pouco frio nisso. Tem acidente também, mas, em proporção, homicídio está bem lá em cima (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor);

É crime, hoje em dia o assunto é crime A cidade está dominada pelo tráfico, toda hora é notícia de bonde, de bandidos para lá, bandidos para cá (...) É só esse tipo de notícia. Você não vê outra coisa. Se você for falar com uma pessoa na rua, ela tem medo, não quer nem mostrar o rosto, porque tem medo de falar alguma coisa porque sabe que não tem segurança (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor);

Só tiroteio, bala perdida, só mais violência, parte de segurança mesmo (TEIXEIRA, 2016, entrevista concedida ao autor);

Deixa eu contar quantas matérias de comportamento eu fiz em um ano. Umas três ou quatro matérias que não eram de violência em um ano. O resto só violência. É muito ruim porque isso te impacta, né? O Rio já está meio submundo, a madrugada no Rio é muito submundo (CHAGAS, 2016, entrevista concedida ao autor);

É polícia, é crime, dentro do âmbito da violência. É o que você mais faz. Eu fiz um exercício por esses dias. A gente tem um sistema lá no jornal que você procura fotos, páginas em pdf⁵¹ do que já foi publicado. Coloquei Rafael Nascimento lá para ver o que que aparece. Só desgraça, só desgraça. São raras as vezes que a gente faz coisas diferentes, divertidas e muito mais. Quase nunca, só no verão, quando tem uma festa, quanto tem um evento, Olimpíada, Réveillon, mas, em via de regra, a rotina é violência. (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor);

Infelizmente era a palavra triste, mas é a realidade, é desgraça. Tinha um motorista lá novo na casa e eu fui acordá-lo e falei: “olha, vamos para a Rocinha”. Isso às três da manhã. Ele virou assim para mim e perguntou. “Praddo, o que que tem lá?” Eu falei assim: “uma coisa eu vou te garantir inauguração de praça não é. Com certeza, é desgraça. Meu amigo, é isso, infelizmente a gente vive disso”. E fomos. (PRADDO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Importante destacar que muitos repórteres citam até mesmo o tipo de crime, no caso os homicídios, como pauta mais frequente. A apropriação do termo técnico para o ato de assassinar remete ao uso de um jargão jurídico-policial em função da imersão profunda e diária que fazem nesses temas. De todos os entrevistados, apenas o técnico Roberto Martiniano não citou crime, violência pública e noticiário policial como os assuntos mais abordados de madrugada. Para Martiniano, os acidentes e as brigas em boates foram os assuntos mais abordados na rua durante sua trajetória no período da madrugada. Marcos Antônio de Jesus confirma o que foi dito pela maior parte do grupo de que as notícias da editoria “polícia” são as mais frequentes na madrugada, mas ressalta que o jornalista do horário cobre todo tipo de assunto o que, segundo ele, seria um reflexo do número limitado de profissionais no horário.

Geralmente é policial, mas eu faço de tudo. Eu já fiz Presidente da República que veio no carnaval, já fiz chegada de jogador de futebol, já fiz vários assuntos. Mas geralmente de madrugada o forte mesmo é a área policial, né? (...) É aquilo que eu digo, às vezes a pessoa que trabalha de dia não faz o que se faz de madrugada. Mas a pessoa que faz a madrugada está totalmente capacitada para trabalhar durante o dia. Ele já faz de tudo na madrugada. Durante o dia às vezes as pessoas são separadas por setor. Na madrugada como só tem você, você se vira para tudo (JESUS, 2016, entrevista concedida ao autor).

⁵¹ Formato de uma publicação que permite leitura no computador pelo software Adobe Reader.

As observações dos entrevistados nos fornecem o seguinte cenário: o repórter da madrugada precisa estar apto a cobrir qualquer assunto, mas o carro-chefe do horário é o jornalismo policial.

No Rio de Janeiro, apesar do setor de apuração continuar sendo chamado de “escuta” em muitas redações, a rádio escuta policial não existe mais desde que as frequências dos rádios da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros passaram a ser digitais. A partir das entrevistas que fizemos neste trabalho, pudemos enumerar quatro maneiras pelas quais os jornalistas da madrugada ficam sabendo dos acontecimentos da cidade: i) a ronda; ii) o uso da tecnologia a partir de redes sociais e aplicativos de mensagens – que substituíram a antiga ligação que o leitor, ouvinte ou telespectador fazia para a redação; iii) as informações passadas pelos repórteres de outros veículos, apelidados de “coleguinhas”; e iv) a formação de fontes dentro das instituições de vigilância e socorro da cidade, como polícias e bombeiros.

A ronda é o processo de apuração em que o jornalista liga para diferentes batalhões, delegacias, hospitais e quarteis em busca de informações, de algo para qual aquele órgão possa ter sido acionado. Os entrevistados apontam que ao longo do dia, essa prática foi substituída pelo monitoramento de agências e sites, prática que Axel Burns (*apud* Barsotti, 2012) conceituou como “gatewatching”. Na nova dinâmica de apuração, cabe ao jornalista “observar os ‘portões de saída’ de sites de veículos tradicionais e não tradicionais, de fontes primárias da informação, buscando conteúdos relevantes assim que eles se tornam disponíveis para redirecioná-los aos usuários” (BARSOTTI, 2012, p.170). Ao longo da madrugada, no entanto, esse jeito antigo de se fazer jornalismo permanece firme e forte. “Essa coisa de fazer a ronda de madrugada é uma coisa que eu observo que não é feito durante o dia. Isso é uma prática diferente” (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor). A ronda é uma prática eficiente de apuração na madrugada, já que o volume de publicações nos sites – tanto de notícias quanto de fontes primárias – é quase nulo nesse horário. Essa estratégia é uma das mais antigas do jornalismo. Marcelo Moreira e Luarlindo Ernesto, que trabalharam na madrugada na segunda metade do século passado, relatam que usavam a prática para conseguir descobrir novas informações. Luarlindo aponta ainda questões éticas ligadas às fontes das informações.

Nossa rotina era ligar para todos os batalhões da PM e a gente ia anotando batalhão por batalhão onde é que tinha o código 932, que é o código para encontro de

cadáver. Então a gente já tinha até um linguajar para falar com o policial. E você tinha que se aproximar dele para ter a informação. “E aí companheiro, tudo bem? Aqui é o Marcelo Moreira da Notícia, como é que está o plantão aí? Tem 932 na área?” A gente ia anotando do 1º batalhão que era no Estácio até o 27º Batalhão que era em Santa Cruz (MOREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Eu fazia corrida⁵² por telefone. Só que não era para os batalhões, era para as delegacias. E a Última Hora ainda pagava um *pro labore* para o cara que chefiava a rádio patrulha da Polícia Civil na época e ele informava para a gente muita coisa de ocorrências policiais (ERNESTO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Ontem e hoje. Mariana Cardoso, produtora da TV Globo na madrugada, diz que faz a ronda sempre que nenhuma pendência foi deixada pela equipe anterior.

Se existe alguma história de matéria da noite, eu dou sequência, continuo a apuração, vejo para onde a minha equipe tem que correr, o que que ela tem que fazer. Se já tiver uma coisa definida, uma coisa que já tenha começado. Caso contrário eu vou começar fazendo uma ronda por todos os quartéis da região do Rio e Grande Rio. São 41 batalhões da Polícia Militar, mas tem as exceções aí que eu não ligo, são uns dez batalhões que eu deixo de ligar. Eu ligo para mais ou menos 30 batalhões por dia quando não acontece nada né? Porque aí eu tenho um tempo para eu ligar. Eu gasto mais ou menos aí uma hora e vinte, já até cronometrei esse tempo. Se durante essa ronda que eu faço surge um caso bom que o policial me passou e tal, tenho que parar para me cercar de onde eu vou conseguir mais informações além daquelas que a própria polícia já me passou e onde que eu vou conseguir isso. Pode ser com os bombeiros, que deveriam me atender, com a delegacia da área, e também Facebook, que hoje é uma das principais fontes que eu tenho no trabalho. Facebook e Twitter (CARDOSO, M., 2016, entrevista concedida ao autor).

Rotina semelhante à do repórter Rafael Nascimento, do Jornal O Globo. “Tendo alguma coisa para fazer eu já parto para a pendência direto. Não tendo pendência, o que que a gente costuma fazer? Eu costumo a fazer a tal da ronda” (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor). Na Band, onde não há produtor na madrugada, o repórter Lúcio Castro e o repórter cinematográfico Moabe Ferreira são os responsáveis pela apuração das informações preliminares. “Muitas vezes você não tem o assessor de imprensa para ligar, pedir um auxílio. Você não tem o delegado que responde lá pelo plantão para te atender. (...) As informações, as fontes da madrugada acabam sendo bem mais limitadas” (CASTRO, 2016, entrevista concedida ao autor). Nesse trabalho de tentar conseguir informações com policiais dos batalhões e delegacias, abordagem deve ser delicada.

A relação principal que você tem com o cara que está trabalhando de madrugada é de respeito porque, apesar de você também estar trabalhando de madrugada, tem que saber que esse é um horário muito difícil. Geralmente é um pessoal que não dorme bem e que, se dorme bem, não descansa do mesmo jeito. (...) “Desculpa o horário, precisava de uma informação, tal”. (...) E como você não tem assessoria

⁵² Neste caso, sinônimo de ronda.

de imprensa, você tem que falar com o cara que está lá na sala de operações do batalhão cuidando de um monte de outras coisas, inclusive coordenando as equipes dele na rua. Então você precisa também entender que o cara está trabalhando. O trabalho do assessor de imprensa é te atender e apurar as informações. O do policial não. A gente precisa respeitar que pegar as informações para a gente não é o trabalho dele. É todo um trabalho de convencimento, de parceria, você acaba ficando até amigo de uns caras (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor).

Se mesmo com a abordagem mais gentil, o jornalista não conseguir as informações, é possível também fazer uma ronda presencial. “Se eu não encontrasse nada na ronda, eu pedia ao cinegrafista de meia-noite, que era o Evandro (Cardoso), para dar uma circulada pelas delegacias para ver se pegava algum caso na madrugada” (id., ib.).

Outra técnica de apuração na madrugada é o monitoramento das redes sociais é uma das principais formas de apuração da Record TV na madrugada. “Ficava de olho no WhatsApp, conversava com os coleguinhas olhando pelo *mailing*⁵³. (...) Fazia ronda também. Na boa vontade quando o batalhão queria passar alguma coisa” (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor). Para a repórter Dayana Resende, do Jornal O Globo, as redes sociais, especialmente o Twitter, são as principais fontes de informação quando está de plantão na madrugada. “A gente recebe 90% das informações assim. A partir do Twitter da Lei Seca⁵⁴, do Centro de Operações, que são páginas que funcionam o dia inteiro, a gente chega até a notícia e vai apurando a partir dali, ligando para o batalhão, para a Polícia Civil, para os bombeiros” (RESENDE, 2016, entrevista concedida ao autor). Os entrevistados apontam ainda o material enviado diretamente à redação pelas redes sociais. A partir de 2013, surgiram nas redações cariocas números de telefone que possibilitaram o envio de conteúdo multimídia por parte de leitores, ouvintes e telespectadores a partir do aplicativo de mensagens WhatsApp. A primeira redação a implantar esse método foi o Jornal Extra, logo seguido por outros jornais, rádios e emissoras de TV.

Apesar das contribuições de leitores não serem novidade, os resultados expressivos registrados pelos veículos do Rio de Janeiro nos últimos dois anos – como a marca de 1 milhão de interações em cerca de dois meses da TV Globo e de até 1200 contribuições por dia do Jornal Extra – mostram que a possibilidade de enviar

⁵³ *Mailing* é o nome dado para uma lista de e-mails criada com o objetivo de trocar informações entre jornalistas de diferentes veículos de comunicação. Aos poucos, o *mailing* foi sendo substituído pelos grupos no aplicativo WhatsApp.

⁵⁴ Página do Twitter criada para registrar de maneira colaborativa os lugares onde havia blitz da Lei Seca – a que não permite dirigir depois de beber. Ao longo do tempo, se tornou um referencial colaborativo de informações sobre trânsito e também segurança pública ao longo de todo o dia.

conteúdo na palma da mão a partir de aplicativos de mensagens são tendências de mudanças mais concretas na produção jornalística. O receptor não precisa mais fazer um cadastro imenso, levar tempo para baixar o vídeo ou fotos pelo computador, e fazer o upload em um portal de notícias. Agora, basta selecionar o arquivo e apertar o botão “enviar” do WhatsApp. A facilidade do processo parece ser um dos catalisadores do aumento expressivo na participação. (FIGUEIREDO e SAUDINO, 2015, p.13).

Aldir Cony, editor da TV Bandeirantes, disse que chegava a exercer um papel de um “repórter de redação” em função da quantidade de material que chegava pelo aplicativo. “Hoje em dia com WhatsApp e a internet como um todo a gente recebe na Band (...) muito material, muita informação, muito vídeo. Então eu tinha uma função de fechar materiais que chegavam por outras formas alternativas” (CONY, 2016, entrevista concedida ao autor). Bruno Sponchiado, editor da TV Globo, percebeu uma mudança no processo de produção com a introdução do aplicativo na rotina profissional. “Quando eu estava na madrugada, a gente não tinha ainda o WhatsApp da Globo, que eu acho que mudou bastante a forma como a gente faz e produz jornalismo. (...) Muda um pouco a dinâmica de como se apurar aquela notícia” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor). Dentre os jornalistas entrevistados, o único que disse não ver avanços no trabalho de apuração com a introdução das redes sociais na rotina jornalística foi o repórter cinematográfico da Band, Moabe Ferreira. Ele atribui às redes uma dificuldade maior na apuração presencial com policiais e bombeiros.

Os policiais, antigamente, os bombeiros passavam muito mais coisa para a gente. Hoje em dia é tudo com a ascom⁵⁵. Como é que vai falar com a ascom na madrugada? Aí tu acaba deixando de fazer muita coisa por causa disso também. Antigamente eles tinham confiança na gente. Hoje em dia não tem mais, muito levado por esse meio de rede social. Que para mim pode se dizer que é um avanço, mas, ao mesmo tempo, é um retrocesso, porque a confiança acabou. Eu acho que o boca a boca, o telefone, você gastar saliva para poder convencer o policial a fazer alguma coisa ali era muito melhor que hoje em dia (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Se o WhatsApp é uma ferramenta para que o jornalista tome conhecimento dos acontecimentos, é também ferramenta para facilitar a comunicação entre eles. A maior parte dos jornalistas da madrugada apontou que os outros jornalistas são fontes potenciais de informação. Para facilitar essa interação, os repórteres participam de um grupo no WhatsApp, chamado “Família da Madrugada”. Lá dividem informações e apurações sobre os casos que são destaques naquele dia e

⁵⁵ Sigla para “Assessoria de Comunicação”.

sobre novos casos que surgem na cidade. Detalhes sobre esse grupo e sobre a troca de informações dos jornalistas serão abordados com mais detalhes na seção 4.5.

Uma quarta técnica de apuração é o estabelecimento de contato com fontes. “Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público” (LAGE, 2008, p.49). São as chamadas fontes. Argolo ressalta ainda que, no caso de reportagens policiais, “é difícil encontrar um repórter que, no dia a dia, tenha facilidade de localizar pessoas bem informadas e/ou testemunhas dispostas a colaborar repassando informações, notadamente quando se trata de homicídios, sequestros (...)” (2014, p.36). Se no passado a existência de uma vasta agenda telefônica fazia toda a diferença na apuração, hoje em dia ela se dá principalmente a partir das respostas das assessorias de imprensa. Mas, e na madrugada? Na ausência de assessorias de imprensa, muitos jornalistas voltam à moda antiga e recorrem a fontes.

É muito mais difícil você conseguir alguma informação na madrugada porque ligo para a assessoria de imprensa, mas assessoria não trabalha nesse horário. Aí você tem que contar com aquelas fontes que você tem tanto na PM, quanto na Polícia Civil, na Defesa Civil. Na madrugada você tem que contar com as suas fontes, porque é muito difícil conseguir por telefone qualquer informação (JESUS, 2016, entrevista concedida ao autor).

O repórter aponta ainda um paradoxo do processo de construção da notícia que todo profissional precisa superar: para ir à rua é importante ter fontes que informem sobre um determinado acontecimento; mas é na rua que se estabelece contatos com policiais, bombeiros e outros agentes públicos que podem se tornar fontes em potencial. Ou seja, o jornalista novato precisa conseguir ir para a rua para estabelecer suas fontes e aí sim criar um círculo virtuoso de descoberta de matérias potenciais. Com o compartilhamento de informações entre repórteres da madrugada de diferentes empresas, a informação passada pela fonte de um jornalista pode repercutir nos outros veículos. Na pesquisa de campo, registrei um caso assim. Na noite do dia 02 de julho do ano passado, toda a imprensa foi para a porta do Presídio Ary Franco, em Água Santa, Zona Norte do Rio.

O motivo de irmos para lá era que o empresário Carlinhos Cachoeira, também preso na operação, tinha tido a prisão convertida para domiciliar e poderia sair a qualquer momento. O Marcos Antônio de Jesus, da CBN, tinha recebido a informação de uma fonte de que ele deixaria o presídio no fim da noite e início da madrugada e havia avisado no grupo do WhatsApp. Toda a imprensa estava lá (diário de campo, apêndice, 02 de julho de 2016).

As possibilidades de fontes são múltiplas. O professor da UFRJ José Argolo, em seu livro que sistematiza os métodos de apuração na reportagem policial, enumera as possibilidades de fontes a partir de experiências que teve com reportagens e convívio com outros repórteres ao longo da trajetória de décadas como repórter do Jornal O Globo:

As fontes costumeiras são: delegados, inspetores, detetives, peritos em balística e explosivos, químicos industriais, experts em armamento, integrantes dos grupos táticos e de Operações Especiais, carcereiros, escrivães, soldados e oficiais das Polícias Civil e Militar, bem como agentes federais; testemunhas ou pessoas ainda que indiretamente envolvidas nos inquéritos e processos; internos e/ou ex-internos das unidades prisionais, a gentes de segurança e diretores de presídios; médicos legistas e psiquiatras, peritos criminais (papiloscopistas [peritos na análise das impressões digitais], fotógrafos, engenheiros de diferentes especialidades, etc.), funcionários / setoristas nos hospitais da Rede Pública; juristas, advogados criminalistas, investigadores particulares, escreventes juramentados, promotores e defensores públicos, integrantes do Ministério Público Federal, juízes e desembargadores, entre outros (ARGOLO, 2014, p.36).

Ao contrário da ronda, esse método não caiu em desuso, mas se tornou restrito a jornalistas mais experientes, muitos que assumem a alcunha de “investigativos”. Porém, na madrugada, o uso de fontes é um meio pelos quais os apuradores tradicionais descobrem ou, pelo menos, tentam confirmar mesmo que não oficialmente os acontecimentos antes das equipes seguirem para os locais. O repórter da Record TV, Dennis Queiroz, diz que, em um determinado momento do seu trabalho na madrugada, as fontes eram responsáveis pela informação primária de cerca de 70% da sua produção diária. Para ele, o estabelecimento das fontes exige um engajamento pessoal tanto do ponto de vista da disponibilidade quanto do convencimento do outro lado em passar informações.

Eu criei fontes, porque eu estava chegando aqui ao Rio. Eu não conhecia ninguém. A Record tinha um jornalismo bem voltado para a área policial, que mudou um pouco de alguns anos para cá. Então o que eu fiz na época foi comprar um rádio Nextel, que todo mundo tinha, que era uma febre. Todo policial, todo mudo tinha. Como a gente era uma emissora policial, eu falei: “vou passar os meus contatos para todo mundo”. Porque era a única forma de eu chegar primeiro nos lugares. E quando ninguém for, eu vou lá e faço alguma coisa. Eu não vou deixar de fazer. Então eu passava o meu rádio para todo policial que eu conhecia. Assim que eu conhecia a pessoa, a primeira coisa que eu fazia era: “pega meu rádio, pega meu rádio”. Isso me fez muitas vezes chegar na frente. Muitas vezes, fazia amizade com os policiais. E também me rendeu alguns aborrecimentos, porque você não consegue dormir. E tem aquelas coisas, né? Às vezes você acha que aquela matéria não rende, mas que se você não for o policial vai ficar chateado. Tem aquela cobrança também e acaba que você tinha que ter uma postura mais séria, mais digamos assim, formal. E aí quando você quer criar uma intimidade, você tem que falar um pouco a língua do policial. Você acaba falando igual a ele para criar uma intimidade, para conseguir mais informação. Não nas minhas reportagens, mas na

apuração do dia a dia. Isso te faz criar um vínculo com o policial. É uma troca, né, porque eles precisam de você para divulgar o que eles têm interesse. E você precisa deles para dar a informação. Nesse sentido, e contei muito com essas fontes durante o tempo que passei na madrugada, os policiais foram meus grandes aliados. Porque às vezes eles têm um jeito meio marrento de ser, mas quando você consegue ultrapassar essa barreira, consegue puxar ele para o teu lado, você só tem a ganhar (QUEIROZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

O relato detalhado de Dennis é semelhante ao de outros repórteres da madrugada. Moabe Ferreira, da Band, e Rafael Nascimento, de O Globo, dizem que a experiência na rua possibilita a troca de contatos com policiais que, em futuras ocasiões, podem avisá-lo quando surge algum acontecimento ou confirmar uma informação que chegou de outra forma. “A gente acaba trocando contatos, e quando tem alguma coisa que eles estão cobrindo lá, (...), eles (os policiais) acabam ligando para a gente. ‘Olha, está acontecendo isso, isso e aquilo, interessa a vocês?’” (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Na rua você pega um telefone de um delegado, você pega um telefone de um agente, você vai guardando no WhatsApp e tudo mais, entendeu? Um exemplo claro disso: há dois dias teve um tiroteio numa ação policial da CORE⁵⁶ no Complexo de Favelas do Lins de noite. Teve até aquela situação do pessoal do (Hospital) Marcílio Dias, que o pessoal ficou caminhando abaixado dentro do hospital por conta dos tiros. Você está aqui de noite, você não vai no Lins em um clima tenso do jeito que estava. Tiroteio a torto e a direita. A informação a princípio era de que o chefe do tráfico de uma comunidade lá tinha morrido no meio do tiroteio. Uma coisa que nem precisou ligar para o motorista. Você não vai e ponto. E aí como é que você consegue a história? Você tem uma rede social te bombardeando. Mas o que difere a gente dessas páginas de rede social, tipo Saracuruna News, Bangu News, Jacarepaguá Notícias? Você precisa de algum argumento de autoridade, de alguma autoridade confirmando aquela informação para poder se diferenciar da boataria, porque aquilo provavelmente era verdade, mas a gente não trabalha com probabilidade, a gente trabalha com certeza. E aí uma dessas fontes que a gente conheceu em algum momento era um delegado da CORE. Pensei “tenho esse telefone aqui, vou mandar ‘*whatsapp*’ para ele”. E aí mandei um áudio dizendo o que a gente tinha de informação. Tudo que estava relatado nas redes sociais eu fiz um resumo para ele não precisar me relatar nada, só me confirmar ou não. Ele me disse: “a história é essa aí mesma rapaz”. E depois ainda me mandou um outro áudio falando que um agente tinha sido atingido. Ou seja, é uma coisa que eu não conseguiria com ronda. Eu preferiria chegar de manhã sem a matéria do que me arriscar de qualquer forma. Mas foi um desses conhecimentos de rua que você acaba tendo contato com uma pessoa que acaba virando uma fonte (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Nos três relatos, em comum, a formação de fontes a partir de experiências na rua, de contatos com policiais nas apurações que acontecem *in loco* e que posteriormente

⁵⁶ Sigla para Coordenadoria de Recursos Especiais. É a tropa de elite da Polícia Civil do Rio.

facilitam a apuração feita pela redação. Mas o que determina se os repórteres da madrugada vão correr ou não para determinada história?

Essa pergunta foi feita a todos os entrevistados. Os critérios de noticiabilidade, como vimos no capítulo 2, são apreendidos na cultura profissional, de modo que os jornalistas possam assimilá-las com facilidade para avaliar os acontecimentos a todo o tempo. “(...) A seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente (...). Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão” (WOLF, 1999, p.197). Sendo assim, o jornalista da madrugada precisa exercer seu papel de selecionador, de *gatekeeper*, constantemente (WHITE, 1999). Ao contrário dos repórteres diurnos, a quem cabe apenas a função de reportar, os repórteres da madrugada precisam selecionar, tomar decisões sobre ir ou não ir para um determinado acontecimento.

(...) eu faço a produção, mas também faço a subchefia, que é a orientação da equipe de reportagem. Como que funciona isso? A gente vê para onde que a gente vai correr, para onde que surgiu a notícia, se a gente tem possibilidade de chegar nesse lugar por causa da questão de segurança, questão de tempo, né? Se não foi muito cedo o fato, se a gente ainda vai pegar um parente, familiar de uma pessoa que morreu ou que foi assassinada no local (CARDOSO, M., 2016, entrevista concedida ao autor).

Quando entrei na madrugada, confesso que eu entrei com muito medo, porque não tem chefe de reportagem. Eu entrei logo num jornal grande, de madrugada, e não seria orientada por ninguém. Então, assim, a maior diferença e dificuldade é você não ter orientação. É você estar na rua, nesse meio tempo pode estar acontecendo um monte de coisa do outro lado da cidade e você não fica sabendo, sabe? Você fica um pouco desorientado (RESENDE, 2016, entrevista concedida ao autor).

(...), por exemplo, aconteceu um homicídio em Nova Iguaçu, aí você vai para Nova Iguaçu e quando chega naquele local não é nada daquilo que você estava pensando. Em contrapartida aconteceu uma coisa muito grande no Centro da cidade, você tem que se deslocar de lá para poder voltar e acaba perdendo aquele negócio. (...) A responsabilidade é totalmente da equipe. É minha e do repórter (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

É como se o trabalho da madrugada exigisse uma autonomia maior do profissional. As falas de Mariana Cardoso, Dayana Resende e Moabe Ferreira dialogam no sentido de apontar para a responsabilidade que o repórter tem na avaliação e na hierarquização do que é notícia. O repórter da madrugada “acaba exercitando de uma forma até instintiva, de uma forma natural, seu poder de seleção da notícia, porque você não tem chefe de reportagem para te dizer se isso ou aquilo vai valer a pena” (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor). O

processo de apreensão dos critérios é gradativo: “eu sou desesperado por natureza, mas eu ficava um pouco ansioso porque eu achava que tudo valia, tudo valia. ‘Um chinelo caiu lá em Marechal Hermes’. Meu Deus, vamos lá em Marechal Hermes” (id., ib.). Na ausência de um chefe, é o próprio repórter que deve avaliar qual acontecimento se enquadra e se adequa ou não aos critérios de noticiabilidade adotados pela cultura jornalística e à linha editorial do veículo no qual trabalha.

Com a falta de uma chefia, muitas decisões acabam sendo tomadas coletivamente, quando há mais de uma pessoa na equipe de madrugada. Felipe Barcellos destaca que na Record TV o repórter e ele dividiam a avaliação sobre o que valia seguir até o local e o que não valia. “Se acontecessem duas coisas ao mesmo tempo, eu podia decidir com o repórter. ‘Tem isso e tem isso aqui, o que que a gente faz?’” (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor). O mesmo debate acontece na TV Globo. “Juntamos a equipe toda, e como não tem chefia, a gente conversa bastante, acha o que é mais relevante. (...) As decisões são em conjunto” (CARDOSO M., 2016, entrevista concedida ao autor). Nem sempre o processo de escolha acontece de forma harmoniosa. “(...) Era sempre decidido em conjunto, com algumas exceções do repórter que às vezes não queria fazer tal coisa e aí a gente mandava o cinegrafista sozinho para não perder a história” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor).

A partir da compreensão de que é o jornalista da madrugada, individualmente ou em conjunto com os demais colegas de empresa e das outras empresas, que toma as decisões de correr ou não para um determinado assunto, quais os critérios usados por eles? Perguntei aos 21 entrevistados o que eles levam em consideração quando decidem seguir para uma reportagem. Percebemos que, como aponta Bourdieu (1997), os jornalistas têm dificuldade em definir quais critérios usam e como. Para eles, é como se vestissem “óculos especiais”. “(...) Acho que vai muito do senso, na cabeça, na hora de entender se é notícia ou se não é notícia. Intuitivo. Acho que é pura intuição. (Por exemplo,) isso aqui não vai afetar a vida de ninguém” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor). Com dificuldade em explicar os critérios, a justificativa caminha em direção ao *feeling*. “O que repercute, se sentir que é uma coisa que vai repercutir, esse é o diferencial” (ROCHA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Dentre os que conseguiram identificar os critérios usados por eles mesmos, três repórteres justificaram a localização em região mais rica da cidade, como um

critério de maior relevância na hora da avaliação de uma pauta. Priscila Chagas e Marcos Antônio de Jesus avaliam que um acontecimento na Zona Sul tem um peso simbólico maior no processo de escolha jornalística do que em outras regiões da cidade e da região metropolitana.

Um tiroteio no Leme ou em Copacabana ou Ipanema, sem querer fazer qualquer tipo de discriminação, é uma coisa. Um tiroteio em Belford Roxo é outra totalmente diferente. Não é discriminação, mas, por exemplo, é muito mais fácil chegar em Copacabana, Leme, Ipanema. É mais fácil uma pessoa importante ser baleada na Zona Sul. Não é distinção de pessoas, não estou querendo dizer que as pessoas que moram em Belford Roxo são menos importantes, mas o problema é que a repercussão de um caso em Ipanema, Copacabana, na Zona Sul ou na Barra da Tijuca é muito maior do que em Belford Roxo (JESUS, 2016, entrevista concedida ao autor).

Por exemplo, se você tem um acidente com ferido e um acidente com morto você vai para qual? O acidente com morto. Mas se tiver um acidente com morto na Penha e um ferido em Copacabana? Eu iria para o morto, mas sei que aqui por ser questão da Zona Sul, a gente acaba indo para a Zona Sul. Até porque muitas vezes uma questão da madrugada, que de dia não tem tanto, é a restrição de mobilidade. Você não pode ir para qualquer lugar (CHAGAS, 2016, entrevista concedida ao autor).

Ambos citam em suas respostas a questão da localização como uma das razões para a escolha, mas deixam claro que a motivação é simbólica. O valor-notícia “proximidade” neste caso não é físico, mas sim cultural. Dayana Resende, do Jornal O Globo, aponta o mesmo critério, indo além. Ela se utiliza de uma razão mercadológica para justificar a escolha da pauta.

A gente tem a regrinha internamente, nada por escrito, que se aconteceu na Zona Sul é pauta. Qualquer coisa que aconteça em Copacabana, Ipanema, na Zona Sul é pauta. Então assim, o mundo pode estar caindo em Duque de Caxias, mas se uma senhora perdeu um cachorro em Copacabana a gente vai para essa história porque o público do Globo é um público mais da classe média alta (RESENDE, 2016, entrevista concedida ao autor).

Para a jornalista, é como se outros valores-notícia, tais quais morte, apelo, abrangência e imprevisibilidade não pudessem ser relevantes para o suposto público. Nos três casos, os repórteres, sem saberem explicar direito o motivo, atendem a um critério de noticiabilidade básico apontado por Galtung e Ruge: “quanto mais o acontecimento diga respeito às pessoas de elite, mais provável será a sua transformação em notícia” (1999, p.67). E, na avaliação deles, esse critério se sobrepõe a outros.

A localização também foi um ponto citado por outros jornalistas. Mas, nesse caso, não havia relação com o peso simbólico do local do acontecimento, mas sim, com o binômio distância / tempo.

Pensando assim num mundo ideal, acho que o mais importante seria aquilo que afetasse a vida de mais pessoas. (...) Mas tem também os termos práticos (...). Você tem uma coisa que é relevante, mas muito longe. Se a gente for correr lá para o fim do mundo para fazer uma história, a gente vai acabar não chegando a tempo e ainda vamos perder o que aconteceu aqui perto (CONY, 2016, entrevista concedida ao autor).

É uma decisão difícil. Tem duas, às vezes, três histórias, o que me levava a ver primeiro digamos assim, quais eram os pontos positivos e negativos de cada história: quantidade de imagem, horário que aconteceu. Por exemplo, não adianta ter uma história fantástica, mas quando chegar lá não ter mais nada para contar, não ter imagem. Então é assim, tem sonora com o delegado? Tem. Um ponto. O policial militar vai falar? Dois pontos. Tem um carro? Tem marca de tiro na parede? Tem. Então aquela ali vai ser a imagem mais forte, esse é um critério (QUEIROZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

A gente vê questão de horário da equipe e distância. Porque se a gente tem uma pauta que é na Barra ou na Zona Sul e outra que é lá para dentro da Baixada, vai depender da hora que estão acontecendo os factuais. Se a equipe larga às quatro e o factual aconteceu às duas da manhã, vou mandar eles para o mais perto e não para mais longe, porque vai estourar hora extra. A não ser que o mais longe seja muito melhor do que o mais perto e aí eu tenho que ligar para a diretora para ela decidir se vai ou se não vai (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor).

As observações dos repórteres dialogam com a socióloga norte-americana Gaye Tuchman. Ela fez uma pesquisa em redações dos Estados Unidos e constatou que o horário de trabalho dos repórteres influencia diretamente na abordagem com a qual determinado acontecimento vai ser tratado. “Ter pessoal disponível também influencia a avaliação de fatos de acordo com os períodos em que os repórteres estão temporalmente concentrados. Uma história que justifica a presença de um repórter às onze da manhã pode não justificar a atribuição de um no final da tarde⁵⁷” (TUCHMAN, 1978, p.43). Ou seja, há uma relação estreita entre a dimensão da cobertura jornalística que uma certa ocorrência vai receber e a escala de trabalho dos repórteres. Uma vez que a avaliação é de que determinado fato vale uma ida da equipe de reportagem à rua, começa um novo processo: a apuração no local.

Outros critérios também foram citados. Rafael Nascimento, de O Globo, cita o “inesperado” como valor importante para mobilizar a audiência. “(...) Um tiroteio na Praça da Bandeira (...) é uma informação importante que você tem que cobrir. Mas se aqui no Centro tem um assassinato passionai, sabe, isso aqui causa mais impacto, mexe mais, não sei, de repente com a opinião pública” (NASCIMENTO,

⁵⁷ Tradução do autor. Texto original: “Having available staff also influences the assessment of occurrences during periods when reporters are temporally concentrated. a story justifying the presence of a reporter at 11:00 AM might not justify assigning one late in the afternoon”.

2016, entrevista concedida ao autor). Mariana Cardoso diz que baseia suas decisões de acordo com a existência ou não de “desvios” e “mortes”. “Teve morte, teve tiro e teve hospital, lógico, a gente vai ter que correr. Se a pessoa for inocente, se morreu ou foi vítima de bala perdida a gente vai correr” (CARDOSO M., 2016, entrevista concedida ao autor). Mariana dialoga com o estudo que Stuart Hall e outros autores (1999) fizeram sobre a cobertura noticiosa dos *mugging*⁵⁸. “Desenrola-se perante nós uma peça de moralidade moderna na qual o ‘demônio’ é expulso tanto simbólica como fisicamente da sociedade pelos seus guardiões – a polícia e a magistratura” (HALL et al, 1999, p.237). Ou seja, na avaliação da jornalista, um crime, especialmente se resulta em morte, é por si só um valor-notícia que justifica a ida da equipe ao local. Matheus Giffoni apontou o uso de um critério que Traquina classifica como “de construção”. Ele disse que conversava com os editores para avaliar qual história se encaixava mais com as demais notícias que já estavam previstas no roteiro previsto do telejornal.

(...) Não adianta o jornal estar com um bloco gigante sobre saúde e eu tenho (...) gente fazendo fila na emergência de madrugada e um baleado no Leblon se o baleado no Leblon ficar deslocado no jornal enquanto a fila de emergência poderia se encaixar direitinho (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor).

4.4.

Repórter na rua

Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia.

Ricardo Kotscho, Lugar de repórter é na rua.

“Atenção, tiroteio nesse momento aqui no motel Sherazade, em Irajá”. Esse foi o relato que chegou pelo WhatsApp do Jornal O Globo. O repórter Rafael Nascimento tinha acabado de assumir o plantão da madrugada quando visualizou a mensagem. O bairro de Irajá fica na Zona Norte do Rio, a uma distância de mais ou menos 20 quilômetros de carro da redação do jornal. Um tiroteio na porta de um motel era um fato por si só curioso, mas faltava algo mais que fizesse o jornalista achar que valia a pena a ida ao local. Até que, em um grupo de repórteres, ele lê

⁵⁸ Termo em inglês que significa roubo, assalto. Mesmo no texto traduzido para o português, o termo “mugging” é mantido e, por isso, é usado neste trabalho.

outra mensagem. “Foi crime passionai”. Imediatamente, Rafael telefona para a Polícia Militar, que confirma o caso e que passa a informação preliminar de um PM ferido. Motel, tiroteio, policial militar ferido, crime passionai: são muitos elementos que justificam uma reportagem no local. Em menos de meia hora, ele estava na cena do crime. A área estava isolada pela Divisão de Homicídios. De informação concreta: uma mulher envolvida na confusão prestando depoimento no local e dois feridos levados para o hospital da região. Isso não era o suficiente para a história fechar. Os policiais da Divisão de Homicídios passavam longe da imprensa. Não queriam assunto. À boca miúda, os primeiros relatos – descobertos na conversa com vizinhos e com jornalistas que chegaram antes ao local – eram de que a mulher de um policial militar teria dito que ia à faculdade, mas, na verdade, foi ao motel com outro policial militar. O marido seguiu a esposa e quando viu os dois entrando no motel, abordou o amante e começou o tiroteio. Só faltava a confirmação oficial. Mas como fazer isso se os policiais militares chamados depois do tiroteio não têm autorização para falar e se os policiais civis não deram nenhuma oportunidade de puxar assunto? Rafael tirou da cartola a mais antiga forma de apuração jornalística: o bate-papo.

“Chato uma traição terminar nisso, né rapaz? Mulher estava lá, falou que para a faculdade e veio para cá, aí chega o outro aí, descobre a traição do outro”, disse o repórter a um policial militar que fazia parte do cordão de isolamento no local.

“Chato, né? E terminou da pior forma possível”, respondeu o policial, que acrescentou: “Você vê um tomou um tiro no quadril, o outro no ombro, na coxa e na mão. Agora estão os dois lá internados no Getúlio Vargas”, disse, se referindo ao hospital da região.

“Po, mas os dois eram militares?”, perguntou o repórter

“Eram, po, tanto que estavam os dois armados, um monte de carro cheio de tiro aí”, respondeu o PM

Em duas perguntas, Rafael conseguiu a confirmação de toda a história⁵⁹. Dali, continuou o bate-papo com vizinhos, testemunhas, sobre um caso inusitado da violência do Rio de Janeiro. O trabalho do repórter e a sua sensibilidade levaram Rafael a conseguir mais de um milhão de visualizações da sua reportagem no site

⁵⁹ História baseada na entrevista concedida ao autor pelo repórter Rafael Nascimento.

do Jornal O Globo, permanecendo como a matéria mais lida do dia⁶⁰. “Você chega no sorriso e no amor e tenta. A história da traição eu confirmei com a PM, com os policiais militares lá no local. Porque você chega se aproximando e vai contando a história do jeito que você sabe, né, para ver como eles reagem” (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor).

A história contada acima, porém, não teria acontecido se Rafael Nascimento não tivesse saído da redação para completar sua apuração. Ela representa a importância de, durante a madrugada, o jornalista ir à rua para descobrir as informações que necessita. O método de apuração na rua é variado. O importante é que o jornalista tenha certeza das informações e apure com rigor. No caso de Rafael, o policial militar era a confirmação oficial que lhe faltava para fechar o quebra-cabeças. Ele já tinha relatos sinérgicos de vizinhos e de outros colegas da imprensa. O PM foi o terceiro a confirmar a mesma história.

Hoje, há uma forte tendência aos jornalistas irem cada vez menos para as ruas. É o jornalista sentado, como classifica Neveu (2009). Na madrugada, a ida à rua é indispensável. Há algumas décadas, a motivação para ser obrigado a sair era outra. “Queria ligar para (...) Campo Grande, Santa Cruz, Nova Iguaçu. Às vezes, você falava muito mais rápido para São Paulo que para a Baixada. Como demorava muito, eu ia fazer matéria de bonde” (ERNESTO, 2016, entrevista concedida ao autor). Agora, não são as dificuldades telefônicas e nem tecnológicas que obrigam os repórteres a saírem das redações. Observei no meu trabalho que grande parte da apuração durante a madrugada acontece na rua. A partir desse fato, formulei uma pergunta incluída no roteiro de entrevistas: “Há uma tendência grande no jornalismo dos repórteres irem cada vez menos para as ruas. Na madrugada, você acha que essa tendência se confirma ou não”?

Eu acho que a maior parte da apuração está na rua na madrugada, isso é um fato. Porque muitas vezes você tem a notícia ali, mas não tem os caminhos para chegar na notícia. Então a maneira é em carne e osso. Comparecer *in loco* e ir buscar. E nessa busca, às vezes, a gente não tem aquela fonte oficial do dia. Mas você comparecendo nesses locais você fala com testemunhas oculares, fala com vítima e, então, tem esse lado também (CASTRO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Durante o dia você consegue apurar de dentro da redação. Muitas vezes na madrugada você fica sabendo muito mais na rua do que na redação. Ontem, por exemplo, eu fui fazer uma matéria só eu e o operador, o (Luiz Carlos) Janotti, sobre roubo de carga na (Rodovia) Washington Luiz. Quando a gente chegou lá tinha

⁶⁰ A reportagem pode ser lida neste link: <<https://oglobo.globo.com/rio/apos-flagrar-traicao-homem-morre-em-confronto-com-amante-da-mulher-19073197>>.

uma outra matéria na delegacia, que foi um sequestro relâmpago dentro de um ônibus da Empresa Reginas. Então, quer dizer, ela não teve essa informação lá na base⁶¹. E na rua a gente apurou isso e checkou essa informação (CARDOSO, E., 2016, entrevista concedida ao autor).

Uma das principais preocupações dos jornalistas durante a madrugada é em como fechar, ou seja, escrever a matéria. A reportagem jornalística, especialmente televisão, carece de vários elementos. Além de informações, são necessárias entrevistas – com autoridades, personagens e especialistas – e imagens. Conseguir esse material que compõe uma reportagem é um desafio especialmente durante a madrugada, porque neste horário as pessoas, em geral, estão dormindo. Durante o período que acompanhei o trabalho na madrugada, percebi que o repórter da Record TV, Dennis Queiroz, era valorizado pelos colegas por sua capacidade de convencimento. Sempre que Dennis conseguia algo na rua, todos lucravam, pois o material, seja informação ou entrevista, era partilhado com os colegas.

A família estava no hospital, mas queria distância das câmeras. O Dennis da Record insistiu. Conversando aos pouquinhos, ele comentou que morava perto da vítima e foi gerando pontos de identificação até convencer um parente do vigia a falar. Gravamos a entrevista e retornamos (diário de campo, apêndices, 14 de julho de 2016).

Falavam de histórias antigas. O oficial dizia que sempre o assistia na TV. De repente, o oficial entra no hospital e sai com a identidade do policial ferido: um documento que toda a imprensa precisava. A identidade era importante para confirmar informações obtidas com as salas de operações e serviços secretos dos batalhões⁶². Naquela situação significava conseguir uma foto de Rodolfo e ainda checar dados como nome completo, idade e tempo de polícia (diário de campo, apêndices, 08 de junho de 2016).

Nos casos, Dennis conseguiu as informações a partir de um bate-papo em que apontava pontos de identificação com os entrevistados. Na entrevista, ele relata essa técnica, que diz também usar na aproximação com as fontes.

Eu puxava um assunto que às vezes falava um pouco da família, do filho. Então você meio que sai um pouco daquela rotina de trabalho, você deixa a pessoa ver que você também é um cara legal, que tem família (...) Quando você é um cara autêntico, que faz aquilo ali com verdade, as pessoas conseguem perceber isso (QUEIROZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

Claro que nem sempre a técnica é exitosa. No caso de um homem morto na saída de um shopping em Duque de Caxias, no dia 07 de julho de 2016, não conseguimos

⁶¹ Termo usado para se referir à redação

⁶² Uma das técnicas de apuração com os batalhões da área é ligar para Sala de Operações e para a P2 – nome dado ao serviço secreto dos batalhões. No Rio, toda ocorrência quando finalizada segue para a P2, para possível investigação por parte dos agentes da Polícia Militar.

muitas informações e nem entrevistas apesar do bate-papo e da insistência tanto minha quanto do Dennis e dos demais repórteres presentes no local, inclusive eu. Nos depoimentos dos entrevistados, há relatos até mesmo de métodos pouco convencionais na negociação para que um fotógrafo pudesse fazer uma imagem.

Naquela época, a polícia já não tinha dinheiro, então os peritos tinham que fotografar os crimes e não tinham filme. Uma forma que a gente fazia para ter acesso aos cadáveres, aos mortos, era dando filme para a perícia. Então o perito chegava, se tivesse uma equipe de fotografia, de reportagem, a primeira coisa que o perito perguntava para o fotógrafo era se ele tinha filme. E aí o fotógrafo pegava o filme do jornal, a gente usava filme preto e branco, e dava um rolo de filme para ele (MOREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Essa negociação nada ética ilustrava um outro momento do jornalismo brasileiro. Até os anos 1990, não havia uma preocupação empresarial tão forte com o jornalista dar o exemplo, o que mudou na virada da década. Logo, o que importava para os profissionais era conseguir a foto ou a informação desejada custasse o que fosse necessário.

Outra observação da pesquisa de campo e dos relatos das entrevistas é de que a maior parte dos repórteres buscam confirmações oficiais para referendar uma determinada história. “(...) sempre checo com fonte oficial, só fonte oficial. Já aconteceu inclusive de a gente não noticiar informações porque eu não consegui a confirmação oficial” (CARDOSO, M., 2016, entrevista concedida ao autor).

O que vale para mim é a versão da polícia no local e a versão que eu vou ouvir na delegacia ou do familiar do morto. Aquele pessoal que está ali querendo agitar, eu nunca dou ouvido a eles. Se vier um familiar entre eles, “sou parente dele”, e quiser falar comigo, a gente grava. Caso contrário prevalece o que o policial disser ali, de maior patente ou o que o delegado disser lá (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

É como se o que passa pelo oficial tivesse uma confiabilidade maior. O relato do parente, como diz Denilson Milanez, do SBT, é até ouvido, mas a versão que prevalecerá será a da polícia. A história do familiar, se divergir da obtida oficialmente, não poderá ser o fio condutor da história, mas sim o contraponto. Isso é uma tendência do jornalismo policial. “As histórias de crime são quase totalmente produzidas a partir dos definidores primários institucionais” (HALL et al, 1999, p.239), especialmente a polícia. No entanto, para alguns autores, o discurso oficial é um método de controle e manipulação das informações por parte das autoridades – que podem “definir” qual seria a verdade. Em outras culturas, como a maia, estudos mostram como o discurso oficial foi um elemento linguístico que contribuiu

para a “manutenção da legitimidade dos nobres no interior da sociedade colonial” (HANKS, 2008, p.83). O oficial é uma forma de controle. É possível, no entanto, construir a reportagem a partir de outras vozes. Esse contraponto está presente no depoimento da repórter Priscila Chagas, da TV Globo. Ela aponta que a falta do oficial não inviabiliza a reportagem desde que a apuração seja mais sólida. “Você conta muito mais com aquilo que você apura na rua do que com aquilo que a fonte oficial diz. De madrugada você não tem nota, é o que a testemunha falou que (aconteceu)” (CHAGAS, 2016, entrevista concedida ao autor).

Apesar das dificuldades em conseguir confirmações dos órgãos oficiais durante a madrugada, o contato com policiais e autoridades que estão na rua, quando possível, pode contribuir não apenas na tomada de informações para o texto, mas também para que a equipe possa se posicionar no lugar certo, na hora certa. O caso da chegada do empresário Fernando Cavendish ao Brasil onde foi recebido por policiais federais ilustra essa situação.

Ao chegarmos lá, observamos no painel do desembarque internacional que não havia nenhum voo vindo da Itália, de onde o empresário estaria voltando. Imaginamos que era provável que ele fizesse alguma conexão no retorno ao Rio. Todos os funcionários do aeroporto davam informações de que era por aquele portão que o empresário sairia. Até que uma equipe da Polícia Federal apareceu na nossa frente. Eles nos indicaram que iriam trazer Fernando Cavendish pelo portão do embarque internacional. Foi quase uma hora de espera (diário de campo, apêndice, 02 de julho de 2016).

A imagem exclusiva da chegada dele ao saguão do aeroporto só foi possível porque a equipe chegou com antecedência e porque fez um contato amistoso com o policial federal. Os repórteres explicam que o contato com esses agentes do Estado deve ser cuidadoso e respeitoso. Para o repórter cinematográfico Milton Rocha, do SBT, “tem que saber chegar, você é quase um mediador. Quando a gente chega no local tem todo o cuidado tanto para apurar como para pegar a informação certa para passar para frente” (ROCHA, 2016, entrevista concedida ao autor). O “passar para frente” a que Milton se refere é não apenas publicar. Em muitos casos de tensão entre policiais e moradores de comunidades, por exemplo, o jornalista que está em campo é consultado sobre qual a versão da polícia para determinada situação. Por isso, Milton se refere ao repórter como um “mediador”.

Porque tu chega de dia, você tem uma visão geral das coisas, sabe onde tem bandido, polícia, sabe quem é o comandante, batalhão que tem, a emissora ali, o comandante do batalhão. “Estou com uma dificuldade de entrar para fazer a matéria porque os policiais estão embarreirando”. O cara liga para o comandante e resolve. De noite não. De noite você tem que fazer o corpo a corpo. Tem policial que odeia

a imprensa, tem uns que são mais maleáveis. Aí você chega com um “dá licença, boa noite, recebemos a informação assim, assim, um homicídio. Havia uma perseguição aqui, nós sabemos que o corpo está ali. Queremos saber se tem algum problema de filmarmos ali” (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

Denilson, aliás, é um personagem à parte nas minhas observações da pesquisa de campo. Como expliquei na primeira seção deste capítulo, considero neste trabalho os técnicos de externa – também conhecidos pelo título de “operadores de unidade portátil” – e os motoristas como repórteres, uma vez que entendo como repórter todo aquele produtor de conteúdo das equipes jornalísticas que trabalham de madrugada. Das quatro emissoras de TV que têm equipes na madrugada, em três o técnico acumula – além da responsabilidade por áudio, luz e equipamento – a função de motorista: Globo, Record e SBT. No SBT, inclusive, não há repórter na madrugada e o técnico divide com o cinegrafista a função de apurar e reportar. Apenas na Band, não há mais técnicos durante a madrugada. É o repórter cinematográfico que dirige o carro da equipe. O jornalista Alberto Dines lembrou em um depoimento da importância do trabalho dos motoristas quando era repórter do jornal Última Hora, na década de 1950.

Eram realmente grandes auxiliares dos repórteres, para vencer dificuldades, subir em terrenos inacessíveis, chegar mais rápido ao local da reportagem e também voltar a tempo ao jornal, porque naquela época não havia celular, os meios de comunicação eram muito mais precários. Em suma, um bom repórter precisava, para realizar sua missão, de um bom motorista (DINES apud MORETZSOHN, 2013, p.23).

O depoimento de Dines é valioso sobre o trabalho do motorista exercendo seu ofício. Mas esquece do protagonismo que, muitas vezes, esses profissionais têm em outro ofício: o trabalho de reportagem. Motoristas não são importantes para o trabalho da equipe apenas pelos bons atributos que têm ao volante. Constatei na minha experiência como repórter e na pesquisa de campo que a importância desses profissionais está também no poder de observação, de apuração, de contribuição para o trabalho jornalístico. Esse valor de motoristas e técnicos como produtores de conteúdo é relatado pela própria professora Sylvia Moretzsohn – a quem Dines deu o depoimento – em outros trechos do livro que ela escreveu sobre os “repórteres do volante”.

Aleixo participava ativamente do processo de apuração. Um episódio foi marcante: logo ao chegar, às sete da manhã, foi mandado para a Barra da Tijuca. “Pega o carro, mataram o Paulo Andrade!”. Filho de Castor de Andrade, falecido um ano antes, Paulo morreu na guerra travada pelos herdeiros do contraventor na disputa por pontos do jogo do bicho e pela exploração de máquinas de caça-níquel. Aleixo

saiu em disparada com o chefe da fotografia, porque ainda não havia ninguém da reportagem na redação. Foram os primeiros a chegar no local do atentado, e foi o motorista quem alertou para as fotos. “O chefe era um cara de estúdio, não era de rua, não conhecia as pessoas. Eu fui puxando ele: ‘Ó o cara ali deitado, olha a Beth Andrade!’.” Beth era a mulher de Paulo. O repórter chegou em seguida; outros jornalistas também. Aleixo se afastou do tumulto, ficou encostado no carro, fumando um cigarrinho, quando passou um sujeito e lhe disse: “Eu vi tudo”. “O quê? O quê, meu amigo?” E ele: ‘Eu vi tudo’. Aí eu disse: ‘Pera aí, não some daí, não’. Fui no ouvido do repórter e falei: ‘Tem um cara ali que disse que viu tudo’ (...)” (2013, p.81/82).

O carro destruído contra uma árvore na Lagoa Rodrigo de Freitas, em frente à sede náutica do Vasco da Gama, foi uma das cenas que mais lhe chamaram atenção, poucos meses depois de começar a trabalhar na empresa. Ele acabara de prestar um serviço e retornava, de madrugada, à sede do jornal. Na mesma hora, avisou a redação. O repórter do Globo foi o primeiro a chegar. (...) Mário cita o episódio como uma de suas contribuições a reportagem mesmo antes de ser transferido para a editoria “Rio” onde trabalha no turno da manhã. “Eu pego às seis, então saio de casa às quatro e meia da manhã. Se vejo algum acidente ou alguma coisa que pode render notícia, eu passo o rádio para o repórter da madrugada. Eu gosto, a gente aprende a gostar do trabalho” (id., ib., p.143).

Os dois relatos são de motoristas diferentes entrevistados por Moretzsohn. Em comum, a contribuição dos motoristas no processo de apuração. O primeiro relato de Francisco Carlos Aleixo, que se classifica como o “segundo olho do repórter” mostra o papel desse profissional em rotinas jornalísticas básicas na apuração feita na rua: identificação dos personagens envolvidos no fato e busca e convencimento de testemunhas para darem entrevista. O segundo depoimento é de Mário Luiz dos Santos Silva e representa o envolvimento do motorista na cultura profissional do jornalista. Em outras palavras, como ele se insere no campo jornalístico. Mesmo fora do horário de trabalho, Mario está atento ao que acontece na rua com o único objetivo de avisar a redação. Envolvimento que já contribui para que o jornal onde trabalha tenha sido o primeiro a chegar em um grave acidente que repercutiu no jornal durante toda a semana. O trabalho de motorista, muitas vezes, inclusive, é a porta de entrada para que o profissional consiga uma vaga de jornalista dentro da empresa. Esse foi o caso, por exemplo, de Osvaldo Praddo, fotógrafo da madrugada do Jornal O Dia por 27 anos. Foi a partir das fotos que tirava enquanto trabalhava com motorista que, anos depois, Praddo viria a se tornar fotógrafo.

Eu fui no O Globo pedir emprego para fotógrafo. Fui atendido por um fotógrafo, que depois ficou meu amigo com o tempo. Quando eu cheguei ele falou assim para mim. “Você quer o que? Emprego de que? Fotógrafo? Você está brincando, né? Tem vaga não, tem que ter experiência”. Me deu um banho de água fria. A fotografia era no quinto andar, eu desci jururu, mas é aquilo: tudo nessa vida já é traçado para a gente. Eu encontrei com um vigilante, que era meu vizinho e eu nem sabia que ele trabalhava no Globo. Ele me perguntou. “Veio fazer o que aqui hoje?”

“Vim ver se tinha vaga de fotógrafo”. “Está brincando, cara? Isso aqui é uma máfia, isso aqui é um círculo, você não vai furar nunca o círculo sem conhecer ninguém. Vou fazer o seguinte contigo. Você está parado, desempregado com suas dívidas, vou te botar como motorista do jornal O Globo. Aí quando você estiver de bobeira, na primeira chance você vai para a reportagem, dirigir carro de reportagem”. Fui lá, dei sorte que o chefe de transporte foi com a minha cara. (...)O Paulo Moreira me dava as pontas do filme. Era tipo assim se o filme era 36 poses e o fotógrafo só tirava seis fotos, depois que o laboratorista cortava as seis fotos no laboratório, me dava o resto do filme, as pontas. Ponta do Globo era como se fosse um filme novo. E eu comecei a usar essas pontas para tirar fotos. Fazia uma foto boa de tiroteio, levava no Dia e O Dia publicava. Aí uma foto que via que se enquadrava no esquema do JB, eu fotografava e vendia. Fazia uma foto, no estilo do Fluminense. Uma vez eu estava vindo de Niterói e vi um ônibus pegando fogo na Ponte Rio-Niterói, fiz sozinho. Até porque naquela época tinha uma vantagem para o fotógrafo. Não existia celular (PRADDO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Na madrugada, a participação dos técnicos e dos motoristas é ainda mais frequente no processo de construção da notícia. Isso foi observado na pesquisa de campo.

Como tinha notado anteriormente, o SBT não tinha repórter de madrugada, mas sim o Denilson. Além de dirigir e cuidar do áudio e da iluminação, Denilson também atuava como repórter. Ele abordava os policiais perguntando informações e tinha fontes no WhatsApp que davam dicas de para onde ele deveria correr. Percebi também que o Denilson usava os jargões policiais na abordagem com eles, demonstrando intimidade (diário de campo, apêndice, 08 de junho de 2016).

Nessa mesma data, relato ainda que eu, Dennis Queiroz (repórter da Record) e Denilson Milanez fomos à sala de polícia do hospital pedir autorização para fazer imagens de uma viatura que estava estacionada dentro da unidade. Os profissionais que foram pedir essa autorização eram os repórteres de cada equipe. E o fato de Denilson ter feito parte desse grupo representa o quanto simbolicamente ele assume na rua a postura de repórter da equipe na qual trabalha. O repórter cinematográfico Milton Rocha explica como os dois se dividem na apuração: “O Denilson vai apurar, vai lá na delegacia, porque se eu chegar com a câmera eu já intimido. Então o Denilson vai lá sozinho, vai lá, procura saber” (ROCHA, 2016, entrevista concedida ao autor). Em outras emissoras, a situação também acontece. Roberto Martiniano atuou durante mais de 20 anos na madrugada pela TV Globo. Ele diz que quando a equipe estava sem repórter, era ele quem assumia as funções de apurar e entrevistar. “Quando precisava, eu abordava o entrevistado, segurava o microfone, perguntava as coisas. Se a gente estivesse sem repórter e se o cinegrafista estivesse ocupado, eu fazia a apuração do que tinha acontecido” (MARTINIANO, 2016, entrevista concedida ao autor). No Jornal O Globo, apesar de o motorista não atuar na apuração dos conteúdos, ele é consultado pelo repórter

na hora de tomar uma decisão de seguir ou não para determinada pauta, principalmente em função do conhecimento de cidade que ele detém. “A gente não conhece a cidade toda em detalhes para saber que lugar você pode pegar o carro de reportagem e ir. Aí o motorista é um bom termômetro para esse momento” (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor). Na rua, todo mundo é produtor de conteúdo. E na madrugada, todo mundo se ajuda.

Como vimos, o noticiário que os repórteres cobrem na madrugada é, principalmente, policial. Dramas, histórias trágicas, mortes: essa rotina pesada enfrentada pelo repórter contribui para o surgimento de traumas. Teixeira (2016) aborda na tese de doutorado as repercussões da morte violenta de jovens na vida dos sobreviventes. Entre os entrevistados do trabalho, está um jornalista que cobre as chacinas em São Paulo desde 2006 e a quem a autora perguntou sobre como o trabalho impacta na vida pessoal.

Narrou que houve uma fase, quando era repórter da madrugada, que se cansou de ver crimes todas as noites e começou a desenvolver uma couraça emocional para não se envolver com os fatos, passando a considerar “tudo normal”, o que é terrível, em seu ponto de vista. Estava em crise com a profissão de jornalista e julgou que a proteção para não se envolver tenha sido uma resposta emocional. Na época da entrevista, afirmou sentir-se afetado, caso contrário, estaria “perdendo sua humanidade”. O contato constante com o tema da morte já trouxe o medo de perder familiares e estava lhe estimulando reflexões sobre a vida e a morte, além de questões espirituais (TEIXEIRA, 2016, p.94).

O depoimento dialoga com o que verificamos na pesquisa de campo. Os repórteres, espontaneamente, falaram durante as entrevistas de lembranças que não lhes saem da cabeça, muitas vezes ligadas a matérias de cunho emocional mais forte. Assim como a perda de sensibilidade. O lidar no dia a dia pode tornar a tragédia algo natural. “Uma coisa que eu tenho percebido é que eu tenho deixado de ter sensibilidade nas coisas. Isso é muito ruim para mim” (CARDOSO, M., 2016, entrevista concedida ao autor). Na rua, passei por situação semelhante.

A família estava muito abalada. A esposa estava em estado de choque. Eu estava com o Rafael mais uma vez, tentando de alguma maneira abordar um parente menos próximo que pudesse nos dar um relato. Ao ouvir o primeiro “não”, eu ia insistir. Mas foi aí que meu colega falou: “Pedro, não. Eles estão sem condições. Vamos respeitar”. O Rafael estava certo e eu, pensando na reportagem perdi ali a sensibilidade (diário de campo, apêndice, 24 de novembro de 2016).

É como se a morte brutal virasse algo corriqueiro, algo que o jornalista não pode aceitar. Se por um lado o impacto da violência rotineira pode ser a perda de sensibilidade, por outro pode ser um trauma na vida pessoal do repórter. “A gente

pega uma maldade, a gente vê até onde o ser humano vai (...) Para mim mesmo, no meu dia a dia, eu vejo maldade em quase tudo até que me provem ao contrário. Isso por causa do trabalho” (JANOTTI, 2016, entrevista concedida ao autor). Ele não é o único. “Eu sonho com tiroteio, eu sonho com essas coisas. Tem histórias que me impressionam, tem história que eu chego e choro em casa” (CHAGAS, 2016, entrevista concedida ao autor). Impactos que estão relatados na memória de cada um.

Fomos fazer chacina, passar por cima dos corpos. Lá em Santa Cruz, tem muitos anos isso. A gente teve que passar pulando em cima de corpos cheio de sangue, um cheiro horrível de sangue e passando em cima de corpos. Essa foi muito marcante, lá em Santa Cruz. Tem uns 20 anos mais ou menos isso. Aquele cheiro de sangue me marcou. A gente fede né, cara? Aquele cheiro terrível, muito, muito ruim, foi horrível aquilo (MARTINIANO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Surgiu uma informação que teve uma chacina e morreram quatro ou cinco jovens em Caxias. (...) O fato é que eu encontrei quando eu cheguei lá no lugar corpos de meninos cobertos. Tinha um aqui numa rua, menos de 20 metros depois tinha outro. E a comunidade estava toda no meio da rua, tipo perplexa com o que estava acontecendo. Aí você começa a perguntar para um e para outro. Eles contaram que os meninos estavam vindo da escola, veio um carro preto e saiu atirando em todo mundo. (...) Os moradores disseram que os homens que saltaram do carro estavam encapuzados e que seriam milicianos que atuavam perto dali. A cena já é pavorosa por si só, um choque de realidade absurda. E aí tem uma coisa que é muito diferente quando você vai fazer matéria no local mais humilde. As pessoas têm ânsia de serem escutadas, de serem ouvidas, porque parece que serviço nenhum do Estado chega. Eles não são escutados por ninguém e quando você chega ali parece que a gente está ajudando, mas a gente está fazendo o nosso trabalho apenas e eles encaram dessa forma diferente. No portão da casa de um deles estava uma mãe chorando. Ela não estava desesperada, mas ela estava calada olhando pra baixo. Aí eu sentei do lado dela, crente que eu ia falar alguma coisa com ela. Só que eu vi que ela estava num choque tão absurdo com o que tinha acontecido que não tem o que fazer. Eu chorei junto, cara. Eu nunca tinha visto aquilo (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Não se pode pensar a rotina dos profissionais da madrugada sem levar em consideração os impactos que a rotina da violência. É a dor do outro que impacta na vida do próprio repórter, principalmente, aqueles que cobrem o noticiário hostil do período da madrugada.

4.5.

A união faz a força

Esse negócio de exclusividade, faz cair um avião na tua frente que é exclusivo, cara.
Denilson Milanez, 2016, entrevista concedida ao autor

“Osvaldo, dá um pulo na Delegacia de Belford Roxo, procura o delegado Xavier⁶³ e fotografa o Dedo Nervoso. Olha só, hein, ninguém tem essa história. Só nós, escutou? Só nós que temos”, dizia a lendária repórter de polícia Albeniza Garcia. De casa, na folga, ela – que cultivava centenas de fontes nas polícias Civil e Militar do Rio – tinha recebido uma ligação avisando que um dos principais traficantes da Baixada Fluminense fora preso durante a madrugada. O delegado era quem tinha passado a informação com exclusividade. Naquela hora da madrugada, o jeito era mandar um fotógrafo lá e escrever a história no dia seguinte. Albeniza pediu, então, que Osvaldo Praddo – o fotógrafo da madrugada de O Dia – fizesse o registro exclusivo.

No caminho até a delegacia, Praddo pediu para saltar na Leopoldina. Tinha uma ligação para fazer em um orelhão dali.

“Alô, Jorginho, pegaram o Dedo Nervoso. Ele está preso na Delegacia de Belford Roxo. Liga para os companheiros que eu só estou podendo ligar para você. A Albeniza pediu para eu não compartilhar. Se alguém te perguntar alguma coisa, diz que foi um PM que estava lá, que te conhece e que é tua fonte, que te ligou. É o que eu vou falar para ela”, desligou. Jorginho era Jorge Martins, repórter da madrugada do Jornal O Globo, o principal concorrente de O Dia.

Meia hora depois, Osvaldo chegou na delegacia, fez fotos do preso e continuou no saguão aguardando novas informações. De repente, a unidade da Polícia Civil de Belford Roxo começa a ficar lotada.

“Bom dia!”, disse Jorge Martins, repórter do Jornal O Globo.

“Bom dia, pessoal”, disse o repórter da Band.

“Bom dia!”, o repórter da Record

“Bom dia”, o da TV Globo.

O delegado irritado ligou para a fonte: “Albeniza, eu liguei só para você, como é que a imprensa inteira está aqui”? ⁶⁴

⁶³ Nome fictício

⁶⁴ História baseada na entrevista concedida ao autor pelo fotógrafo Osvaldo Praddo.

A atitude do fotógrafo é um exemplo extremo de algo que acontece com frequência e que talvez seja uma das principais características da reportagem na madrugada: a colaboração entre os jornalistas. A essa prática, usaremos um termo cunhado pela professora Isabel Travancas em sua etnografia sobre o mundo dos jornalistas: “cadeia de solidariedade”.

Essa imagem de uma cadeia de solidariedade pode surpreender os leitores, que muitas vezes imaginam os repórteres sempre ávidos pelo “furo”, alguns egoístas e inescrupulosos, ansiosos por se destacarem no próprio jornal e em seu meio profissional. Ao observar a prática, verifica-se que as coisas não acontecem exatamente assim. Em cada um existe o desejo de ter sua matéria na primeira página, mas da mesma forma há um acordo preestabelecido de divulgação das informações entre a classe. Um furo não é passado para um colega, mas ele não acontece todo dia. E para os repórteres é óbvio que seu jornal quer exclusividade naquela matéria e que a chefia está dando toda atenção ao assunto. Então as informações apuradas não serão divulgadas para todos. Esse tipo de atitude, que faz parte do código da profissão, é compreendido por todos e seguido por muitos (TRAVANCAS, 1993, p.44).

A etnografia de Travancas abordou as práticas jornalísticas em horário diurno. Mas a observação empírica e o relato dos jornalistas apontam que a cadeia de solidariedade é mais efetiva na madrugada. Nas entrevistas que fizemos, a interação com os colegas é um dos métodos de apuração mais citados pelos repórteres. O processo de descoberta da informação acontece, com muita frequência, pela troca de informações com aqueles que seriam concorrentes. Uma explosão de um imóvel no bairro de São Cristóvão, na Zona Norte do Rio, foi uma das coberturas mais marcantes da carreira do repórter cinematográfico Evandro Cardoso. As imagens que ele fez repercutiram ao longo de todo o dia, mas a descoberta se deu a partir de um aviso dos colegas do SBT – emissora cuja sede fica em frente ao local onde tudo aconteceu.

Uma vez, o Denilson (Milanez – técnico do SBT) me ligou muito nervoso: “Evandro, você está onde, meu irmão”? E eu: “calma, cara, estou na emissora”. Ele disse: “parte para São Cristóvão, que o mundo está se acabando aqui, cara. Caiu um prédio aqui, não sei o que”. Aí eu liguei para o produtor, só que ele ainda não tinha nada lá. Mesmo assim, decidimos ir. Quando nós chegamos lá, eu fiquei completamente focado porque realmente o negócio era muito grande. Já pedi ao operador para ligar para a redação e comunicar que o negócio era muito grande. (...) A gente fez lá vários vivos para o Bom Dia Rio, rolou o Bom Dia Brasil, a ancoragem do RJTV1 foi lá e a ancoragem do RJTV2 também de lá. Então, quer dizer, uma coisa que a gente recebeu de um coleguinha e teve essa repercussão toda. Ou seja, a gente depende muito dessa troca. Minhas imagens não só entraram o dia inteiro como até hoje são usadas em arquivos. (CARDOSO, E., 2016, entrevista concedida ao autor).

O (Denilson) Milanez (técnico), que é do SBT, ligou para a gente: “Vem para cá correndo agora, parece que o mundo acabou, vem para cá”. Eu só sei que eu

cheguei lá, o lugar estava com um cheiro de freio. Eu só senti cheiro de lona de freio, da lona da pastilha do carro (JANOTTI, 2016, entrevista concedida ao autor).

Teve uma explosão aqui na frente. Foi do arco da velha. Eu estava na redação, sentado, Milton estava de folga nesse dia. Eu estava no computador vendo se tinha alguma coisa. De repente, a explosão estremeceu tudo. Eu nem perguntei nada, só estava eu e o Fabiano (Martinez – repórter). Desci, entrei no carro com ele, demos a volta no quarteirão. Fiquei perplexo, irmão, é como se ali fosse essa mesa aqui e depois da explosão sumisse tudo. Aquilo ali foi estarrecedor. (...) Eu liguei para o pessoal, liguei até para o Evandro (Cardoso – repórter cinematográfico da TV Globo). “Está onde? Corre para cá”. “Vem logo para cá senão você vai perder essa parada”. Ele veio, chegou aí e fez. A imagem dele entrou um montão de vezes, o cara de cuecas pedindo a Deus. Eu podia ter ficado na minha. Mas eu sempre conversei muito com o Milton. De noite, tem colegas tipo camaleão, troca de cor de acordo com a situação. Eu não me presto a isso. Ou tu é meu amigo ou tu não é meu amigo. Dependendo de haver uma reciprocidade dele ou não. (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

As observações sobre solidariedade entre jornalistas de diferentes veículos não se restringem ao jornalismo brasileiro. Na década de 1970, a socióloga Gaye Tuchman percebeu fenômeno semelhante entre repórteres americanos que trabalhavam nas salas de imprensa da Casa Branca e do Congresso daquele país na década de 1970.

A cooperação dos repórteres deve ser atribuída a mais do que apenas proximidade. Em parte, a ajuda mútua é um caso de cobrança de reciprocidade. Morris explicou que se um concorrente fosse ao banheiro e uma conferência de notícias importantes fosse anunciada, levando todos os repórteres a sair da sala de imprensa, ela passaria na porta do banheiro e avisaria a ele onde todos estão indo. E ela esperaria que alguém a encontrasse ou deixasse um bilhete para ela caso ela estivesse fora na hora do anúncio. No entanto, mais princípios gerais do coleguismo também estão envolvidos. Ao longo das carreiras, repórteres, assim como outros profissionais, mudam de uma empresa para outra em busca de promoções, aumentos de salário e de status. Socializando com os outros, frequentando alguns as mesmas festas, repórteres conhecem os outros pelas suas reputações, se não pelo contato pessoal. Ter uma reputação de compartilhamento profissional melhora a mobilidade profissional de um repórter e permite que ele seja saudado com mais calor pelos novos colegas⁶⁵ (TUCHMAN, 1978, p.77/78).

⁶⁵ Tradução do autor. No original: “Reportorial cooperation must be attributed to more than proximity. In part, mutual assistance is a case of mutual back scratching. Morris explained that if a competitor had gone to the lavatory and a vital news conference was announced, prompting all reporters to scurry out of the press room, she would pound on the lavatory door to tell him where everyone was going. And she would expect someone to find her or leave a note if she were missing at the time of a vital announcement. But more general principles of collegiality are also involved. In the course of their careers, reporters, like other professionals, move from one organization to another to obtain promotions, raises, and increased status. Socializing with one another, attending some of the same parties, reporters know one another by reputation, if not by face-to-face contact. Having a reputation for professional sharing enhances one’s occupational mobility and the warmth with which one is greeted by new colleagues”.

Ou seja, esse tipo de prática é bem-visto entre os jornalistas americanos. Tuchman acrescenta que essa cooperação funciona também fora das grandes salas de imprensa.

Repórteres que trabalham fora das salas de imprensa dividem informação quando encontram concorrentes no local da história. Depois de retornarem para seus postos de trabalho, nas redações, eles podem ligar um para o outro em busca de uma ajuda específica. E, quando todos tem que lidar com uma escassez de informação, eles podem compartilhar os “fatos” a que tiveram acesso⁶⁶ (id., ib., p.78).

Aqui no Brasil, segundo o jornalista Luarlindo Ernesto, a cooperação durante a madrugada começou durante a Ditadura Militar, quando o acesso às informações era muito restrito. “Só os mais antigos, os mais experientes tinham mais fontes. Para não deixar o coleguinha do concorrente em situação difícil, a gente avisava, porque, mais cedo ou mais tarde, aquele jornal concorrente ia ficar sabendo” (2016, entrevista concedida ao autor). Na década de 1990, Marcelo Moreira aponta que os resultados das rondas feitas em cada redação eram compartilhados e os repórteres decidiam em conjunto para onde iriam “correr”, ou seja, para qual acontecimento iriam seguir. “Eu como era da Notícia tinha que correr para o crime, homicídio. O Globo não precisava, Jornal do Brasil não precisava e O Povo precisava. Quem acabava sendo seu melhor amigo era seu concorrente principal, o repórter do jornal O Povo” (2016, entrevista concedida ao autor). Ao contrário do horário diurno, em que a grande quantidade de repórteres gera uma alternância de profissionais, na madrugada são os mesmos repórteres todos os dias para todos os casos, com exceção dos plantões de fim de semana. Se durante o dia a concorrência costuma falar mais alto, “na madrugada não, um é sempre amigo do outro. Sempre está avisando” (PRADDO, 2016, entrevista concedida ao autor). Essa solidariedade na madrugada causa estranheza nos repórteres que acabaram de chegar ao horário.

Quando seguíamos para a reportagem, o cinegrafista Evandro Cardoso recebeu uma ligação. Era o Milton Rocha, cinegrafista do SBT, passando a informação de que começariam a ser retiradas as lajes da ciclovía Tim Maia que tinha caído em abril. A produção do SBT tinha apurado essas informações. E o Milton estava dividindo com os concorrentes. No primeiro momento, minha reação foi de indagação. Se outra emissora tinha apurado e a gente não, por que estavam dividindo a informação? (diário de campo, apêndice, 01 de junho de 2016).

Existe uma unidade muito maior entre a maioria na madrugada, que é uma coisa que você não vê de dia. Uma coisa que me surpreendeu quando eu entrei na

⁶⁶ Tradução livre do autor. No original: “Reporters working out of city rooms share information when they meet competitors at the scene of a story. After returning to their desks, they may telephone one another to seek limited help. And, when all are faced with a dearth of information, they may pool their ‘facts’”.

madrugada é que você está muito acostumado a tipo assim ter uma corrida para ver quem chega primeiro, na hora de gravar sonora ser aquela coisa parecendo abutre em cima da carniça. Isso é muito comum de dia. E quando eu cheguei de madrugada eu fiquei surpresa porque primeiro existe um grupo. Eu achei muito doido as pessoas terem um grupo em que compartilham as informações. Isso já me chamou atenção. (...) Eu achei curioso. Foi a primeira coisa que me despertou a atenção. Até pensei: “opa, tem alguma coisa diferente, essa madrugada é diferente. Não é muito parecido com o que eu estou acostumada não”. (CHAGAS, 2016, entrevista concedida ao autor).

O grupo a que se refere Priscila é o “Família da Madrugada” – um espaço de interação pelo aplicativo WhatsApp entre os jornalistas que costumam trabalhar no horário. No dia 03 de junho de 2017, o grupo tinha 66 membros – entre repórteres que trabalham diariamente na madrugada, aqueles que dão apenas plantão fim de semana no horário e outros que já saíram do horário mas permanecem no grupo. A ideia de criar o grupo foi da jornalista Dayana Resende, do Jornal O Globo.

Éramos um grupo pequeno, e a partir disso a gente estava na rua e, de repente, por exemplo, perdia o contato com eles. Quando estava na redação tinha o *mailing*, mas na rua não tinha essa opção. Então comecei a ficar perdida com isso. Às vezes eles estavam correndo para um lugar e eu não estava e quando eu chegava numa pauta e não tinha nenhum coleguinha, isso me assustava. (...) Como a gente se via todos os dias, eram as mesmas pessoas todos os dias, a gente vai criando uma certa amizade. Claro que existe a concorrência entre um veículo e outro, mas a amizade acabou falando mais alto. Para não correr o risco de um estar e outro não estar, falei que ia fazer o grupo. Inicialmente eramos, sei lá, cinco ou seis pessoas. Agora são 20, não sei, tem que contar, tem gente à beça. Porque como existe escala de plantão, como tem gente que sai, volta, aí foi aumentando e ficou um negócio gigantesco, e eu acho que ajuda muito assim (RESENDE, 2016, entrevista concedida ao autor).

Minha pesquisa de campo constatou que o grupo é uma das ferramentas pelas quais os repórteres se falam ao longo da madrugada. Não é a única, mas é a mais importante. Os fluxos de disseminação da notícia entre os coleguinhos se dão em teias complexas. Muitas vezes, os avisos são individuais – por telefone ou mesmo mensagem privada no WhatsApp – sendo compartilhados só em seguida no grupo.

O compartilhamento de informações durante a madrugada é uma característica do horário que foi confirmada por todos os entrevistados. Nenhum deles aparentou ter pudores para tratar do tema – pelo contrário, trataram essa solidariedade como importante e positiva, mesmo os que criticam uma suposta falta de coleguismo ou que, ao contrário, defendam uma maior independência em relação aos colegas. “Eu vejo que se não tivesse colaboração entre os coleguinhos na madrugada o trabalho seria dez vezes mais difícil. Qual a graça, qual é a importância de você esconder uma informação que é corriqueira, digamos assim, né”? (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor). “Acho que as equipes da

madrugada de todos os veículos são muito mais parceiras. Eu acho que eles se sensibilizam pelo horário, horário ruim de trabalhar, horário ruim de cobrir as coisas, porque batalhão não é sempre que atende (...)” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor). “A madrugada é muito cruel porque você é muito sozinho. Isso (a colaboração) até era uma coisa que não era muito ética, porque você está passando informação da sua apuração para outra redação. Mas era assim que a gente fazia (...)” (MOREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor). E continua fazendo. Durante as entrevistas, os relatos se focaram na ajuda entre os jornalistas para a apuração das notícias, antes da ida para a rua. É como se os repórteres fizessem avaliações em conjunto a partir das primeiras informações sobre um determinado acontecimento, compartilhadas e divididas com todos. Nas palavras de Lúcio Castro, “aquela apuração básica todo mundo tem acesso” (2016, entrevista concedida ao autor).

Vou ser bem sincera, nem sempre eu vou conseguir fazer uma ronda completa no Rio de Janeiro como eu gostaria de fazer. E ter acesso a todas as informações que eu noticio. E eu acho que qualquer pessoa jamais conseguiria. E é sempre assim: eu surjo com uma coisa nova, o carinha do Globo surge com uma outra, o carinha do SBT surge com uma outra. (...) Quem descobre primeiro avisa. Na maior parte das vezes a primeira informação é distorcida, mas não deixa de ser aquilo. Chega, por exemplo, uma informação de que um prédio estava pegando fogo, que queimou todos os apartamentos. Quando a gente chega no local realmente o incêndio aconteceu. Mas foi apenas em um apartamento. Só que até eu descobrir isso, se eu estou com uma equipe na casa, eu já mando para lá para me passar a informação do que eles estão vendo (CARDOSO, M., 2016, entrevista concedida ao autor).

Você trabalha na Globo, eu no SBT, ele na Band, todo mundo ali tem as suas responsabilidades, todo mundo tem ego, mas o teu ego não pode estar acima do ser humano, não pode jamais em tempo algum. Aqui no SBT eles nos dão liberdade até a página cinco, porque se nós perdermos uma parada muito forte eles vão questionar. “Ué, vocês estão sempre chegando na frente e dão um mole desse?” Se tem uma situação que vai repercutir, já viralizou e todo mundo está sabendo e os caras não chegaram ainda, eu vou ligando para todo mundo. Eu ligo para o Marquinho (Marco Antônio de Jesus – repórter da CBN) que liga para o mundo inteiro. Brinco que ele é o maior fofoqueiro da madrugada. Ligo para o Evandro (Cardoso – repórter cinematográfico da TV Globo). “Evandro, tu está onde? Vem logo fazer isso aqui”. É uma situação que repercute, não é uma exclusiva, os caras vão saber da história. Eu estou sempre de celular, sempre que precisa também tiro um montão de fotos, trago a matéria para cá, jogo no ar, depois mando para todo mundo (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

Só que a nossa pesquisa de campo constatou que essa troca não acontece apenas antes das equipes saírem da redação. Mas também na rua. Relatamos no diário de campo casos em que um repórter conseguiu a identidade de uma vítima que foi usada por todos (08 de junho de 2016); casos de uma entrevista que foi negociada

por um – mas que todos acabaram fazendo (08 de junho de 2016 / 01 de setembro de 2016); de uma apuração obtida por um e partilhada com os demais (24 de novembro de 2016); foto que uma equipe que foi à delegacia conseguiu e depois compartilhou com os demais (14 de julho de 2016); e também de entrevistas que foram postergadas para aguardar a chegada da equipe concorrente:

Corremos para o hospital onde a vítima estava internada. Chegando lá encontramos o Rafael, de O Globo, que tinha chegado antes. Segundo ele, a família não queria falar. Eu insisti. Conversei, expliquei. A esposa continuava sem topar, mas um parente decidiu dar entrevista desde que não o identificássemos. Mas a entrevista não foi feita imediatamente. A equipe do SBT nos ligou avisando que já estava chegando e, por isso, aguardamos eles chegarem para fazermos a entrevista (diário de campo, apêndice, 15 de junho de 2016).

Em uma determinada situação, a entrevistada era uma documentarista americana que só falava inglês. Eu mesmo conduzi a entrevista para os colegas do SBT porque eles não falam outro idioma. “A pedido do Milton e do Denilson, eu traduzi as perguntas que eles queriam fazer e, no final, fiz um breve resumo do que ela falou. Curioso foi que chegou um policial civil e perguntou: ‘afinal, você trabalha para a Globo ou para o SBT?’ Todos rimos” (diário de campo, apêndice, 31 de agosto de 2016).

Percebi durante a pesquisa de campo que, em muitos casos, colegas são mal vistos por não passarem determinadas informações, como se participar da colaboração fosse uma obrigação do repórter da madrugada. O repórter da Record TV, Dennis Queiroz, diz que dividir as informações é importante, mas que não se pode esquecer que todos ali na madrugada são concorrentes entre si.

Eu vou lutar pela minha emissora, eu trabalho para ela e ela é que paga as minhas contas. Eu sou assim: a gente vai dividir, mas eu também vou correr atrás das minhas coisas, e se você for um cara que tiver querendo ir junto, fizer por onde, a gente vai estar junto. Teve uma situação assim. Acidente na Presidente Vargas. Passamos para todos os coleguinhos. E aí todo mundo respondeu: “Ah, acidente no Rio toda hora tem de madrugada”. Eu não estava fazendo nada, então eu pensei: “cara, vamos lá, porque por pior da hipótese dá um LOC V⁶⁷, um registro”. Quando nós chegamos lá era uma situação assim totalmente inusitada, eu não lembro exatamente o que era, mas era um sequestro que tinha acontecido. Tinha uma família, tinha criança e os carros tinham batido. Na verdade, não era um acidente, o carro que estava sendo sequestrado bateu no outro carro e aí a gente foi e a gente pegou tudo com exclusividade. No outro dia, nas redações todo mundo ficou louco, porque viram na Record e começaram a cobrar dos coleguinhos. Aí me perguntavam: “Pô, mas você não passou”? Eu passei, eu avisei que estava indo ao acidente. Agora, eu cheguei lá, tem várias de coisas, não é justo que eu tenha saído da redação para fazer a matéria e tenha que ficar no telefone passando tudo para

⁶⁷ LOC V é o termo técnico para se referir a “Locutor Vivo”. O termo vem da lauda do telejornal e se refere a uma nota coberta em que as imagens rodam e o texto é lido ao vivo pelo apresentador.

quem nem ligou para a história. Não é justo isso, você acha que é justo? (QUEIROZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

O relato de Dennis, no entanto, aponta que, como em todo grupo, os repórteres da madrugada têm divergências e há uma relação de forças. Mas nada que afete a característica peculiar da união do grupo – que diverge bastante das interações entre as equipes de reportagem em outros horários do dia.

As justificativas usadas pelos repórteres para os laços de solidariedade na madrugada, muitas vezes, passam por outros laços – os de amizade. Marcos Antônio de Jesus, que começou na madrugada ainda na década de 1990, disse: “(...) eu não saio sem avisar, porque sou amigo de todo mundo que está na madrugada” (2016, entrevista concedida ao autor). Da mesma forma, Marcelo Moreira classifica os colegas como uma “irmandade”. Moabe Ferreira diz que a principal característica que diferencia a madrugada dos outros horários é a “união”. Além dos relatos, as refeições feitas em conjunto contribuem para esse senso de amizade entre os repórteres das diferentes empresas.

A gente combinava de correr, garantir a matéria e a gente depois ia comer. A gente comia muito no Cadeg⁶⁸. Na verdade, a gente comia onde tinha restaurante perto, mas como para muitos crimes a gente passava pela Avenida Brasil, a gente passava no Cadeg para tomar sopa. Lá tinha uma sopa da madrugada maravilhosa, sopa de entulho. E quando a gente estava com muita fome, a gente comia o bifão, que tem até hoje. Eu passei um ano assim, era o meu começo de carreira, então tudo para mim era festa (MOREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

A interação nas mesas dos restaurantes do Cadeg permanece no universo dos repórteres da madrugada. Mais de vinte anos depois de Marcelo Moreira ter saído da madrugada, a prática se repete.

Todos decidiram jantar no Cadeg – o Centro de Abastecimento da Guanabara, conhecido também como Mercado Municipal do Rio, em Benfica, na Zona Norte do Rio, aberto 24 horas. Foi a primeira experiência de interação com todo mundo. Toda a imprensa dividiu pratos de picanha, com arroz e batata frita. Foi um momento de muita descontração, em que uns contavam histórias dos outros. Pude perceber ali uma afinidade maior entre alguns grupos (diário de campo, apêndice, 02 de julho de 2016).

Amizade que se reflete também em preocupação. A madrugada tem a fama de ser o horário mais perigoso do dia em relação à criminalidade. E também o horário mais difícil de se conseguir assistência. Por isso, a parceria se converte também em cuidado. Milton Rocha diz não abrir mão da amizade na madrugada

⁶⁸ Sigla para Centro de Abastecimento da Guanabara – nome original do Mercado Municipal do Rio de Janeiro, em Benfica, na Zona Norte.

porque são os colegas concorrentes as pessoas com quem todo repórter da madrugada tem para contar. “Um pneu fura, uma pessoa passa mal. É um ajudar o outro. Não adianta. Se eu estiver em uma rua onde só você está com um carro blindado para poder socorrer a gente e você virar as costas para a gente, você vai botar duas pessoas em risco” (ROCHA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Diante de tantos exemplos, seria injusto reduzir a interação existente entre os repórteres da madrugada a uma simples estratégia profissional. Mas não se pode negar que dividir o conteúdo com os concorrentes é também uma estratégia para o repórter se resguardar de não ter uma determinada história que todos os concorrentes tenham. As dificuldades em se obter informações de madrugada são maiores do que de dia e a cadeia de solidariedade é uma forma de compensar essa questão.

Os jornalistas deslocados para o plantão da madrugada enfrentam dificuldades comparativamente maiores que as dos demais colegas; em contrapartida, o companheirismo é mais acentuado, devido à troca de informações. (...) Até mesmo porque ninguém é infalível, nem tão formidável que não possa vir a levar um “furo” na edição seguinte. Devido às dificuldades compartilhadas, ocorre uma forte interação; forma-se um cinturão de produção e proteção coletivo, pois as possibilidades de um(a) jornalista ignorar o que o(a) outro faz praticamente inexistem (ARGOLO, 2014, p.102).

De madrugada é uma cumplicidade maior porque eles sabem que você precisa, todos nós sabemos que você precisa dividir com os amigos o que você tem de informação, porque no dia seguinte eles podem ter uma coisa que você não tem. (...) Não vou dizer que nunca aconteceu de alguém me dar um furo de madrugada, mas a vingança vem no dia seguinte. Um dia da caça, outro do caçador. Por isso que eu não deixava de passar as informações, porque um dia eu sou o cara que tem tudo, no dia seguinte é o coleguinha da Record que tem tudo (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor).

A cadeia de solidariedade também não é isenta de estratégias entre os profissionais. A primeira é que o compartilhamento de informações não acontece de maneira ingênua. “Claro que tem a maneira de garantir a melhor imagem, garantir a melhor sonora. Por exemplo, a gente descobriu um negócio. Em vez de avisar antes de sair, avisa no caminho” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor). “O que eu preciso é correr e só avisar quando eu estiver perto. Porque se eles chegam antes de mim, eles podem pegar alguma coisa que acabe ali, que quando eu chegar pode não ter mais nada” (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor). Uma outra estratégia é que uma vez que todos os repórteres estão juntos em determinada história, a saída deve acontecer em grupo. Em pelo menos em duas situações registradas no diário de campo, isso aconteceu. A primeira

foi na madrugada do dia 01 de junho de 2016 quando os profissionais da madrugada foram fazer imagens da retirada de lajes da ciclovia Tim Maia, que tinha caído um mês antes. O trabalho dos operários não terminaria cedo e a foi tomada a decisão coletiva de deixar o local. Isso se repetiu no dia em que fizemos uma cobertura em um shopping em Duque de Caxias de um homem morto na saída do estacionamento. A decisão de abandonar em grupo o local não é à toa. Se por um lado, diminui a chance de conseguir um “furo” de reportagem, evita também a possibilidade do repórter tomar um “furo” do colega concorrente. Todo fato novo que surja após a saída das equipes de reportagem só poderá ser recuperado por telefone.

Apesar do compartilhamento das informações, há excepcionalidades que permitem ao jornalista construir histórias diferentes dos outros colegas. O companheirismo não é antônimo de matérias com conteúdo diferenciado dos concorrentes. É possível fazer uma reportagem com material exclusivo sem deixar de dividir informações com os demais repórteres.

No caminho, decidimos avisar os colegas de outras emissoras, sugerindo que fôssemos juntos ao local do crime. Milton e Denilson, do SBT, já sabiam e estavam no Hospital Municipal Lourenço Jorge, na Barra, o hospital de referência da região. O Rafael, de O Globo, achou que era muito distante e que não valia correr. Debati no carro com o meu cinegrafista para onde iríamos. E insisti na ideia de ir para a região de Guaratiba, mesmo sozinhos. Minha justificativa era que, por sermos uma equipe de TV, precisávamos de, pelo menos, algumas imagens de apoio do local e de uma passagem próxima ao acidente. (...) Na praia onde paramos havia uma viatura da polícia militar quebrada. Saltamos para pedir informações e descobrimos que aquela viatura era uma das que tinham corrido para o crime. E que os outros carros acionados estavam chegando ali para tentarem ajudar a levar a viatura enguiçada. Em poucos minutos, descobrimos que entre os policiais havia também bombeiros moradores da região que, de folga, se prontificaram para ajudar no socorro às vítimas. Esses bombeiros tinham gravado imagens do resgate. Ninguém tinha essas imagens. E nós éramos a única equipe de reportagem no local (diário de campo, apêndice, 31 de agosto de 2016).

Ou seja, avisamos onde iríamos, mas os colegas decidiram ir a um lugar diferente. Conseguimos vídeos exclusivos, e posteriormente avaliamos, que não dividiríamos, pois tínhamos sido corretos com a cadeia de solidariedade ao avisar para onde iríamos.

Outra excepcionalidade na madrugada são as pautas exclusivas. Apesar de não haver regras claras sobre o funcionamento da solidariedade na madrugada, é implícito que as reportagens produzidas ou exclusivas não são divididas entre os concorrentes. “Eu avisava o cara do Globo, ou o Globo me avisava, ou eu do Globo avisava o JB e o Dia e tal. Aí passou-se a fazer aquela ‘colegada’ da madrugada.

Agora, quando alguém tinha uma exclusiva não. Aí tinha que respeitar o colega” (ERNESTO, 2016, entrevista concedida ao autor). Na primeira vez em que tive que lidar com essa situação – de ter uma informação exclusiva apurada por produtores investigativos que trabalham em outro horário – senti desconforto em não partilhar as informações com os colegas. “Em um determinado momento, precisávamos seguir para o aeroporto, mas não podíamos contar para ninguém. A sensação que tive era de que estávamos de alguma forma ‘traindo’ os colegas” (diário de campo, apêndice, 02 de julho de 2016). Se por um lado, não dividi as informações, por outro, respeitei outra regra básica da madrugada: a de não passar quando é algo exclusivo ou produzido. A cooperação é uma forma de contornar limites e desafios que o trabalho na madrugada impõe.

4.6.

Limitações e desafios

“Parem as máquinas!”, gritou o repórter. “Parem as máquinas agora!”

“Não posso parar já está tarde. Tenho que respeitar os horários do avião, do ônibus e do caminhão”, disse o chefe das rotativas.

“Olha só isso, preciso que você pare agora”, disse o repórter apontando para um exemplar do Jornal O Globo, o grande concorrente do JB.

Naquele ano, o Jornal do Brasil tinha ganhado o prêmio Esso⁶⁹ pela cobertura da bomba do Riocentro. Só que em uma determinada madrugada, Luarlindo Ernesto, o repórter do horário, que recebia diariamente os exemplares do Jornal O Globo do dia seguinte, percebeu que o concorrente vinha com uma manchete exclusiva sobre o tema. “Exclusivo: Relatório de CPI da bomba do Riocentro”, dizia. O editor-chefe na época não atendia o telefone. Coube ao repórter da madrugada tomar decisões⁷⁰. “Aí o cara parou e eu voltei correndo e comecei a copiar a matéria do Globo. Consegui alguns ébrios do jornal que foram encher os córneos. ‘Volta, volta, volta’. Até os erros de português do Globo, nós copiamos”,

⁶⁹ Principal prêmio do jornalismo brasileiro.

⁷⁰ História baseada na entrevista concedida ao autor pelo repórter Luarlindo Ernesto.

contou Luarlindo. Na manhã seguinte, os dois jornais davam o mesmo assunto na capa.

Essa história, que virou uma lenda do jornalismo carioca, retrata uma das limitações e um dos desafios de quem trabalha no jornalismo de madrugada: a solidão obriga o repórter a assumir diversas funções. Não passa por este trabalho uma discussão ética sobre a atitude de replicar exatamente o texto do concorrente, mas sim um debate sobre como o repórter da madrugada é um jogador importante e versátil para o time da redação – precisa atuar do gol ao ataque, passando por todas as funções existentes dentro das quatro linhas. Nas entrevistas que fizemos, muitos relataram a multiplicidade de tarefas exigidas desse profissional. “Os profissionais da madrugada assumem várias funções. O profissional da madrugada, além de apurador, produz, chefia, faz tudo ao mesmo tempo. Quando a equipe virou muda, eu comecei a sair também com a equipe algumas vezes” (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor). Anteriormente, já tratamos da importância dos técnicos e motoristas na apuração e na produção de conteúdo. Em muitos casos, são outros profissionais que assumem as funções de motorista. O repórter cinematográfico Moabe Ferreira disse que na Band não há mais técnicos durante a madrugada e cabe a ele, além de cuidar das imagens, ser o responsável pelos equipamentos, pelo monitoramento de luz e áudio e ainda por dirigir o veículo, que transporta ele e o repórter. Na redação do Jornal O Globo, o repórter da madrugada cuida também da edição da página de Rio no site do jornal.

Durante a madrugada, a relação com a tecnologia é uma limitação nas redações do Rio. Em geral, os setores responsáveis pelas áreas de informática e manutenção não funcionam nesse horário. E é o jornalista que precisa encontrar maneiras para evitar que quaisquer problemas tecnológicos atrapalhem a produção do conteúdo. “De dia tem um departamento de TI⁷¹, tem informática que cuida de tudo, tem o Ingest⁷². Na madrugada nem Ingest tem, eu é que tinha que ir lá, botar o cartão na máquina lá para capturar o material” (CONY, 2016, entrevista concedida ao autor). “Se a ilha de edição travasse de madrugada, tinha que esperar o pessoal da técnica chegar às cinco da manhã para resolver. E não só: pedidos de arte, arquivo, só às cinco da manhã” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida

⁷¹ Tecnologia da informação

⁷² Nome dado ao processo e ao setor onde acontece o processo em que o material gravado é transferido da mídia para um servidor de armazenamento.

ao autor). No entanto, nossa pesquisa constatou que o principal desafio que as equipes enfrentam de madrugada é outro: diz respeito à violência.

4.7.

Medo como companheiro

O Gelson morreu a poucos metros de mim. Inclusive durante muito tempo eu me culpei pela morte dele. Porque, na verdade, a gente estava na porta do Batalhão de Choque esperando que eles fossem para a Rocinha, porque naquela época estavam rolando as ocupações para colocar UPP⁷³ e a Rocinha seria a próxima. Quando eles saíram do batalhão e a gente começou a segui-los, percebi que eles pegaram a Avenida Brasil. E aí eu já falei que a Rocinha não era. O Gelson estava na Rocinha com um repórter esperando os policiais chegarem lá e, quando descobrimos que a polícia não ia para lá, ele foi me perguntando qual era o caminho. Quando chegamos em Antares, que era o local da operação, ele e os outros cinegrafistas foram para o beco onde a PM estava. A gente não conseguiu porque era muito tiro. Quem conhece ali, sabe. Tem a favela do Rola e tem a favela de Antares e vinha tiro das duas favelas. Só quando a PM já veio trazendo ele ferido é que a gente teve a noção do que estava acontecendo. Durante muito tempo eu me culpei, mas depois percebi que eu estava guiando um colega para uma matéria. O fato dele ter ido para esse beco não tem nada a ver com o que eu fiz (JESUS, 2016, entrevista concedida ao autor).

O relato do repórter Marcos Antônio de Jesus é sobre a morte do repórter cinematográfico da TV Bandeirantes, Gelson Domingos da Silva. O caso aconteceu em um plantão de fim de semana – madrugada de sábado para domingo – no dia 06 de novembro de 2011. Os repórteres sabiam que haveria uma operação da Polícia Militar, mas não sabiam em qual comunidade seria. Foi a colaboração entre os jornalistas da madrugada que fez Gelson ir para a favela onde acabou morrendo. Desde 1992, 39 jornalistas morreram no Brasil a trabalho ou motivados por reportagens que fizeram. Outros 12 não perderam a vida em serviço, mas se suspeita que o motivo da morte seja justamente o fato de serem jornalistas. O número é do Comitê Internacional para Proteção de Jornalistas (CPJ)⁷⁴. Em todo o mundo, já são 1828 jornalistas mortos desde 1992.

⁷³ Unidade de Polícia Pacificadora. Durante alguns anos, o Governo do Rio ocupou comunidades dominadas pelo tráfico para implantar esse novo modelo de policiamento.

⁷⁴ Informações contidas em: <<https://cpj.org/killed/americas/brazil/>>. Última visualização: 10 de junho de 2017 às 09h55.

No Rio de Janeiro, os indicadores apontam ainda um aumento significativo da violência urbana nos últimos anos. Em 2016⁷⁵, foram 6262 assassinatos no estado, contra 5010 em todo o ano anterior⁷⁶ – um aumento de 25%. Os dados são do Instituto de Segurança Pública – órgão ligado à Secretaria de Segurança do Rio responsável pela compilação das estatísticas da violência no estado. O índice de assassinatos é o maior desde 2009.

A escalada da violência urbana impacta diretamente no medo que os repórteres sentem ao trabalhar na madrugada. O horário por si só já não é favorável. Apesar de não haver nenhum embasamento estatístico, o senso comum e a própria experiência de cada profissional classificam a noite e a madrugada como os horários mais violentos do dia – aqueles em que as ruas estão mais desertas, mais mal iluminadas e com o policiamento menos reforçado, o que supostamente favoreceria a ação dos bandidos. Não à toa, o repertório de notícias nesse horário se baseia basicamente em assuntos policiais. É impressionante como o risco e a insegurança são temas constantes dos repórteres da madrugada. Não apenas do noticiário que cobrem, mas também da realidade que vivenciam. Ao longo da pesquisa de campo, notei que os diálogos nos momentos de espera ou de relaxamento sempre giravam em torno de sustos e situações de medo vividos pelos repórteres. A preocupação com a segurança é constante e diária.

Durante muito tempo, as empresas jornalísticas e os jornalistas do Rio entravam em comunidades sem nenhum tipo de resguardo de segurança. “Imagina você acompanhar uma blitz, uma batida da polícia no morro? Aconteceu muito isso na madrugada. Na época, a gente não tinha limite, podia ir à vontade” (MARTINIANO, 2016, entrevista concedida ao autor). A prática se justificava. Os jornalistas entendiam a permissividade dos traficantes com a cobertura de fatos policiais dentro da favela como uma espécie de “respeito”. Era como se contra o repórter, os bandidos nada fizessem. “Antigamente tinham um respeito maior pela imprensa, que hoje em dia já não tem mais. Se eles não têm respeito nem com a polícia, imagina com a gente” (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

⁷⁵ Informações contidas em: <<http://www.ispdados.rj.gov.br/#>>. Última visualização: 10 de junho de 2017 às 10h05.

⁷⁶ Usamos a estatística do índice letalidade violenta, que inclui a soma dos crimes de homicídio doloso (quando há intenção de matar), latrocínio (roubo seguido de morte), lesão corporal seguida de morte e homicídio decorrente de intervenção policial (quando um suspeito morre após confronto com a polícia).

Na busca pela notícia, o repórter se arriscava. “Era outra cidade e o bandido ainda respeitava o repórter. Mas era difícil entrar em favela de madrugada. Entrava uma vez ou outra. O Dia e A Luta entravam de madrugada atrás de um corpo, um cadáver, porque os jornais eram sanguinolentos” (ERNESTO, 2016, entrevista concedida ao autor). O fotógrafo Osvaldo Praddo diz que os traficantes buscavam nas equipes de reportagem um “amparo” para que nenhum direito fosse desrespeitado.

Os traficantes se apoiavam muito no jornalista, porque eles achavam que nós éramos uma base para eles, uma segurança. Tipo, se tem um fotógrafo perto, ele não vai ser agredido, ele não vai ser morto, não é isso? Então, eles tinham a gente como um apoio até, uma segurança, vamos dizer assim. E eles não te faziam mal nenhum. Se chamassem você, você podia chegar lá com um quilo de ouro no pescoço que ninguém te tocava (PRADDO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Mas esse “respeito” deixou de existir com a morte do repórter investigativo Tim Lopes, em 2002. Tim trabalhava na TV Globo e fazia uma reportagem sobre os bailes funks no Complexo do Alemão, conjunto de favelas da Zona Norte do Rio, com uma câmera escondida. O jornalista foi descoberto pelos traficantes, julgado no “tribunal do tráfico”, morto e ainda teve o corpo queimado. “Há um consenso entre os fotojornalistas entrevistados para a pesquisa que o caso Lopes marcou a ruptura entre as organizações de mídia hegemônica e as favelas” (AGUIAR e BARONI, 2015, p.145/146).

A morte de Tim gerou mudanças significativas nas posturas profissionais e organizacionais no que diz respeito à segurança e à postura adotada na rua pelas equipes de reportagem. “Após esse dramático episódio, algumas organizações de mídia modificaram as suas normas e rotinas de trabalho e, algumas delas, proibiram repórteres e fotojornalistas de fazerem matéria nas favelas” (BARONI, 2016, p.7).

Nunca entrei em comunidade à noite. A gente obedece às regras. Hoje em dia você trabalha com equipe e ela tem mais força do que antigamente. Antigamente o repórter era meio que o líder, então o que o repórter falava estava escrito. Mas agora você tem que discutir com a equipe, e se um disser que não vai, ninguém vai. Antigamente se a maioria dissesse que ia, todo mundo ia. Então, mesmo quando todo mundo falava “é área de risco”, eu acho importante conversar e tentar sentir o clima (QUEIROZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

Na fala do repórter, é possível perceber que não entrar em comunidade à noite se tornou um cumprimento de regras. Ou seja, a reconfiguração aconteceu de tal forma que mais do que o jornalista se negar a determinada reportagem pela sua própria segurança, ele está obedecendo a regras estabelecidas pela corporação jornalística,

que proíbe seus profissionais de entrarem em áreas de risco, especialmente no horário noturno. Na TV Globo, os princípios de segurança dos jornalistas têm como regra número um: “Nenhuma matéria vale uma vida”. Porém, a prática relatada pelo repórter da Record TV e as orientações da TV Globo não são as mesmas difundidas entre todas as empresas. Quinze anos depois da morte de Tim, a entrada dos jornalistas em comunidades voltou a se flexibilizar – especialmente em função da diminuição da criminalidade nos anos em que as Unidades de Polícia Pacificadora foram instaladas. Se, por um lado, há um consenso de que entrar em favelas de madrugada é uma atitude arriscada, por outro, ainda há profissionais que se arriscam.

Se você for representante de uma comunidade, eu sou um cara que falo olhando nos olhos. Eu pergunto: “você vai me levar e vai me trazer?” Se o cara me chamar, geralmente, é representante de associação de moradores, é o que vai te dar um respaldo, ele é que é o interlocutor que leva ao traficante que manda lá dentro. Não tem jeito, ele que vai falar “pode entrar”. Eu entro dando confiança à palavra que o cara me deu, entende? É uma coisa que eu tenho que pensar mil vezes. Porque com a minha atitude, eu posso comprometer a minha equipe. Eu quero fazer. Isso aí é uma coisa que é comigo, não tem jeito, mas eu não posso fazer nada sem falar com ele (apontando para Denilson) (ROCHA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Quando nós chegamos tirei a logo do carro, saí sem crachá nem nada, porque de madrugada eu não uso crachá nem nada, camisa da empresa nada, para justamente me isentar de qualquer responsabilidade. A gente pode chegar a ir lá dentro se a polícia estiver. Nós não temos ninguém para ligar à noite e dizermos assim: “tem um baleado, a gente vai ou não vai”? Somos nós mesmos que temos que avaliar, se a gente vai ou se não vai (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

Milton Rocha e Denilson Milanez, ambos do SBT, são exceções. Durante a pesquisa de campo, percebi que os dois são ousados na busca por uma melhor imagem, por uma melhor entrevista, por uma melhor apuração. E acabam relatando casos em que se expuseram a riscos em busca da notícia.

Situações difíceis na madrugada não necessariamente são consequências de uma exposição maior ao perigo. Os relatos mostram que elas são constantes. A escuridão da madrugada dificulta os jornalistas a saberem identificar se o local onde estão indo é seguro ou não. “Na madrugada é tudo mais difícil, você não consegue ver direito as coisas, porque está tudo no escuro. E quando você não conhece bem o lugar, aquela estratégia de parar e perguntar numa padaria” (CARDOSO, E., 2016, entrevista concedida ao autor). A insegurança impacta diretamente na escolha das pautas. Determinadas histórias não ganham o peso que o jornalista avaliava necessário – ou seja, de uma reportagem completa – porque a equipe tem medo de

chegar ao local do acontecimento. É como se a segurança do local se tornasse mais um valor-notícia. “Muitas vezes a escolha da pauta não é nem em relação à importância, é em relação ao que eu posso fazer, onde eu estou autorizada a ir, o que que é menos perigoso” (CHAGAS, 2016, entrevista concedida ao autor). Para Evandro Cardoso, há casos em que mesmo quando se avalia ser possível fazer a reportagem, ela tem que ser feita às pressas para diminuir a vulnerabilidade da equipe. “Às vezes as coisas acontecem e você não pode fazer uma passagem com o repórter ali por causa da violência. Ou se for fazer, tem que fazer rápida a passagem, porque tem a questão do perigo” (CARDOSO, E., 2016, entrevista concedida ao autor). O companheirismo de que falamos anteriormente se reflete também na hora da segurança. O conhecimento de um colega sobre determinado local é levado em consideração na hora de decidir ir ao local ou não. “O cinegrafista sempre tem uma experiência que ele passou e eu não passei. Eu conheço muito Zona Sul, Jacarepaguá. Então a gente troca experiências. Se um não se sentir bem, a gente não vai, é assim” (JANOTTI, 2016, entrevista concedida ao autor). Essa troca de informações é um recurso fundamental entre aqueles jornalistas que não conhecem bem a geografia da cidade. “Eu sou de Minas, então eu conheço muito pouco a questão de regionalismo daqui. O que que é perigoso, o que não é perigoso. Se acontecer um fato muito bom e eu não conhecer o lugar, eu passo para a minha equipe” (CARDOSO, M., 2016, entrevista concedida ao autor). Entre as equipes de diferentes empresas, a colaboração acontece de outras formas. Na nossa pesquisa de campo, percebi que as equipes de diferentes veículos costumam seguir umas às outras em deslocamentos considerados perigosos, são os chamados “comboios”. Em três oportunidades relatadas no diário de campo, as equipes foram para um determinado local desta forma.

Pela primeira vez, presenciei um comboio dos repórteres da madrugada. Como o deslocamento da Penha a Marechal passaria por lugares perigosos às vezes próximos de favelas e já passava das duas horas da manhã, as equipes se deslocavam seguindo uma à outra. O SBT ia na frente, porque Denilson conhecia bem o caminho. O Evandro Cardoso, que estava comigo em mais essa madrugada, me disse que isso era muito comum. Ele explicou que se sentia mais seguro indo com outros colegas juntos pois caso acontecesse alguma eventualidade, como um pneu furado ou uma falha mecânica no carro, ficaríamos vulneráveis em lugares eventualmente perigosos. Ele disse ainda que essa opinião era compartilhada pelos outros colegas, especialmente porque nem todos os carros de todas as equipes são blindados (diário de campo, apêndice, 08 de junho de 2016).

Os comboios são uma forma de defesa que os jornalistas têm ao andarem juntos. Não que haja uma estratégia certa para impedir a abordagem de criminosos. Mas, ao seguirem acompanhados, os repórteres podem se ajudar mutuamente.

Em quase todas as entrevistas que fizemos, os profissionais da madrugada, principalmente os que trabalham na rua, narraram situações de risco que vivenciaram. São casos de perseguição, agressão e até mesmo de bandidos apontarem armas em direção às equipes. Felizmente, nos casos narrados, ninguém se feriu. Mas é significativo como essas histórias são comuns, até mesmo banais, entre os repórteres da madrugada diante da rotina de violência do Rio de Janeiro.

Estava chegando o Carnaval de 2015 e a gente foi fazer uma pauta sobre aquela fantasia de bate-bola em Marechal Hermes. Era eu e o Pedro Paulo Spoletto (repórter). Aí a gente estava já chegando em Marechal, mas só que o endereço que deram foi errado. Deram um endereço e era três ruas depois. Eu não sabia que ali tinha boca de fumo, na passagem de nível do trem. Aí o Pedro: “Moabe, onde que é”? “Não sei, cara, essa rua está muita estranha, cara”. Aí o Pedro: “vou ligar para o cara”. Foi e ligou para o entrevistado. O entrevistado disse que a gente estava no lugar errado e tal. Enquanto o Pedro estava falando com ele pelo telefone, eu olhei para o vidro e tinha uma mira laser no vidro do carro. Eu engrenei, já comecei a sair com o carro. “Meu irmão, os caras vão atirar na gente”. A gente atravessou a linha do trem correndo, ali e tal com o carro, aí chegamos do outro lado desesperados. Olhei pelo retrovisor, como é de madrugada, o vidro é escuro, o carro é blindado, e tal, não deu para ver nada, só estava vendo aquela mirazinha seguindo a gente, tipo filme, um desespero louco aquilo ali. Mas, graças a Deus, a gente conseguiu sair do local. Não sofremos nada, não teve disparo, mas só pelo fato de você ver aquele laser ali no teu carro que você não sabia da onde estava vindo. A gente não sabe o quanto aquela blindagem segura, a gente não tem essa especificação, e se funciona mesmo não sei. Eu não quero pagar para ver (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Nós estávamos fazendo uma festa de final de ano e ficamos sabendo que na Delegacia de Bangu tinha uma mulher que foi espancada e abortou. O feto estava em cima da cadeira da delegacia. Isso repercute, então corremos para lá. Quando chegamos em Realengo fomos rodeados por motoqueiros. Fomos seguidos pelos motoqueiros, os caras armados. O repórter que estava com a gente entrou em desespero, começou a gritar (ROCHA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Eu e Milton saímos daqui um dia meia-noite, uma hora da manhã, para um bingo estourado com mais de 300 pessoas em Madureira. No meio do caminho, atravessei o viaduto de Quintino, para descer do outro lado de Cascadura e vi uma moto passar. O Milton olhou, acompanhou e começou “neguinho mete o pé que os caras estão voltando, os caras vieram atrás da gente”. E ali os caras roubam, matam para caramba. Os caras vieram atrás da gente acelerando. Quase capotei com o carro (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

Na eleição de 2014, eu estava com o Guilherme Peixoto (repórter) e aí era um dia antes da eleição, do segundo turno das eleições para Governador. A disputa era entre (Marcelo) Crivella e (Luiz Fernando) Pezão. E aí uma investigação do TRE (Tribunal Regional Eleitoral) descobriu que havia distribuição de santinhos do Crivella dentro da Catedral da Fé, da Igreja Universal, lá na (Avenida) Suburbana.

(...) Durante a madrugada, eu fui com o Guilherme para repercutir isso para o outro dia. Era só fazer uma passagem. Óbvio que não fizemos na frente da Catedral, mas do outro lado da avenida. (...) Quando a gente saltou, vieram correndo três caras na nossa direção gritando para a gente, “sai daqui demônio, sai daqui demônio”. Sem entender nada, me afastei um pouco, tentei colocar a câmera dentro do carro e aí eles vieram na minha direção dizendo que o demônio era eu. No primeiro momento, eles vieram tentar pegar a câmera, mas não conseguiram. Depois, veio por trás um cara muito forte, conseguiu pegar essa câmera, o tempo todo ele falava “Satanás, Satanás, demônio, demônio”. Ele bateu a câmera em cima do capô do carro. Eu pedia. “Para com isso, para com isso, que violência é essa? Para com isso”. Ele bateu de novo com a câmera no capô e aí já saiu lente, quebrou o equipamento. Ele pegou a câmera pela alça e saiu correndo. Eu não tive o que fazer. Me abriguei dentro do carro e conseguimos sair (CARDOSO, E., 2016, entrevista concedida ao autor).

Eu estava indo para a DH⁷⁷ de Belford Roxo e errei o caminho. Simplesmente errei e tive que fazer a volta lá na Linha Vermelha. Quando eu dei a volta para fazer o retorno na Linha Vermelha simplesmente eu estava passando ao lado da comunidade do Lixão. De repente veio um traço de laser. O cinegrafista começou a berrar. O carro blindado é pesado e não tem arrancada. Ele berrando e eu dizendo: “calma, calma, estou puxando”. Até que a gente arrancou e graças a Deus eles não atiraram. Teve outra história naquele viaduto que você pega para o Norte Shopping, aquele viaduto que tem uma comunidade do lado, Bandeira Dez (...) A gente já estava do lado de fora fazendo a passagem. Graças a Deus, eu acho que cracudo me ama. Eu acho que os usuários de droga olham para mim e dizem “eu vou salvar aquele rapaz”. Chegou assim fingindo que estava andando e falou: “sai daqui agora”. Ele andando e fingindo que não estava falando com a gente. “Sai daqui agora”. “O que que houve”? “Os caras estão ali na esquina”. Quando a gente olha, uma ponta de fuzil, que dava para ver a ponta, porque eles estavam escondidos atrás da parede, ali na esquina. Só foi tempo de pegar tudo correndo e ir embora (JANOTTI, 2016, entrevista concedida ao autor).

O que se pode apreender disso tudo é que os profissionais que trabalham de madrugada não podem errar, pois a vulnerabilidade já existe e qualquer avaliação precipitada, rota diferente, descuido ou desatenção podem significar um aumento do risco e, até mesmo, ocasionar uma violência contra a equipe. É como se todos estivessem sujeitos a uma pressão constante. O medo é o principal companheiro destes repórteres.

Na madrugada quando eu estou na rua eu não tenho tempo para sentir medo, tenho que sentir medo depois. Uma vez fomos para uma operação e saiu tiro para caramba. Quando eu saí dali minha perna tremia para caramba, mas quando eu estou dirigindo pode vir um caminhão cheio na minha direção, que eu não fico nervoso não. Porque eu tenho foco, eu tenho objetivo de não morrer na mão desses caras. Então depois parece até que você vai explodir de tanta adrenalina, mas eu não posso morrer na mão de bandido (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

⁷⁷ Sigla para Divisão de Homicídios.

Ninguém quer ser mais uma vítima da violência. E, para isso, os repórteres estabelecem estratégias para conseguirem fazer as coberturas noticiosas necessárias sem ficarem tão vulneráveis à criminalidade. Na impossibilidade de ir a uma comunidade ou a uma área de risco, os repórteres seguem para algum local seguro onde aquela história vai se desenvolver. Por exemplo, se alguém tiver sido preso em uma área de risco, a equipe segue para a delegacia mais próxima – onde o caso deve ser registrado; se for uma pessoa baleada, a equipe pode seguir para o hospital onde a vítima e seus parentes vão estar. Essa avaliação, acontece caso a caso. Lugares, por exemplo, em que a equipe pode ir hoje podem ser vetados amanhã em função de um novo acontecimento e vice-versa. “(...) A gente avalia, vê onde pode chegar, porque primeiramente a gente tem que ter o nosso cuidado, nosso resguardo (...). A gente tem que ficar muito atento, a gente não pode ir para o olho do furacão” (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor). “(...) Vamos passar perto, vamos passar no entorno, vamos até onde der para ir, para ver. Vamos à delegacia, vamos ao hospital, acho que tem formas de você conseguir contar uma história, sem ficar na redação” (QUEIROZ, 2016, entrevista concedida ao autor). No entanto, se por um lado é possível recuperar a apuração seguindo para hospitais e delegacias, por outro, não ir ao local em que algo aconteceu prejudica muito o trabalho das emissoras de TV, pois essas necessitam de imagens para suas reportagens. “Então, para resolver essa falta de imagens, eu pedia muito para o cinegrafista gravar dentro do carro. Liga a câmera dentro do carro, fica dando uma volta por vias expressas ou rodovias para cobrir⁷⁸ com isso” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor). Para alguns jornalistas, a dificuldade é inclusive um estímulo que o profissional da madrugada tem em descobrir novos ângulos e novas formas de contar uma história.

Essa preocupação estimula também a criatividade. Você não pode ir a todos os lugares, então você vai fazer um VT com mais arte. Por exemplo, a gente aprendeu a fazer imagem do (Complexo do) Alemão sem precisar ir ao Alemão. A gente faz imagens ali da Linha Amarela. Porque ali é uma área que dá para fazer. A gente fazia de longe. O pessoal de dia não tem nem esse pensamento, porque não passou pela adversidade de não poder fazer uma passagem (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor).

⁷⁸ Cobrir é o trabalho da edição de colocar imagens para ilustrar a narração que o repórter faz de determinado acontecimento.

4.8.

Como se veem

Os repórteres da madrugada por eles mesmos. A ideia aqui é dar voz a esses profissionais para que eles possam dizer como veem seu trabalho rotineiro e também o que os motiva do ponto de vista pessoal. O nosso roteiro das entrevistas em profundidade previu quatro perguntas com esse viés, procurando saber aquilo que permeia e irriga o dia a dia desses jornalistas. São elas:

- a) Você gosta / gostava de trabalhar de madrugada?;
- b) O que te motiva a trabalhar na madrugada?;
- c) Que diferenciais o profissional da madrugada precisa ter?;
- d) Como você definiria um repórter da madrugada, considerando como “repórter” todo aquele que produz conteúdo jornalístico na madrugada?

Minha busca era em saber se esses profissionais são felizes com o que fazem, se estão satisfeitos com a rotina de trabalhar em um horário que, em uma primeira perspectiva, é bastante ingrato. E também entender como eles se classificam e quais características pessoais consideram intrínsecas para exercer as funções que fazem. “O trabalho se torna o local onde são definidas as identidades sociais, a partir da expressão ‘o que você faz?’, sendo o lugar onde as pessoas, muitas vezes, passam a maior parte do tempo, e constroem suas subjetividades” (GROHMANN, 2013, p.210). Esta é a nossa ideia por aqui.

Nas 21 entrevistas coletadas, a pergunta se gosta ou se gostava de trabalhar na madrugada foi feita em 19. O resultado nos surpreendeu. A maior parte das respostas foi “sim”. Esta é a única pergunta das que fiz – em todo o roteiro – e que achei que os entrevistados não foram sinceros na resposta. O trabalho na madrugada é árduo e, na minha experiência de rua, ouço reclamações constantes em relação à insegurança, cansaço, falta de estrutura no horário.

Como depois vim a perceber que era rotina, um dos temas da conversa entre os coleguinhas era a insegurança durante a madrugada. As equipes compartilhavam experiências de medo e de sustos nas ruas do Rio. Um técnico chegou a dizer que só trabalhava na madrugada pelo dinheiro (diário de campo, apêndice, 08 de junho de 2016).

Apenas um jornalista disse que não gostava de trabalhar na madrugada. Foi o produtor Felipe Barcellos da Record TV. “Não. Acho que nem o adicional estava valendo mais a pena” (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor), disse apontando que nem mais do ponto de vista financeiro o trabalho no horário era

interessante. Além do único “não”, registrei mais três respostas significativas. Os repórteres Dennis Queiroz, da Record TV, e Rafael Nascimento do Jornal O Globo, disseram que “aprenderam a gostar”; já a repórter Priscila Chagas, da TV Globo, disse que o horário “tem mais prós do que contras”. As respostas, apesar de afirmativas em relação a gostar de trabalhar na madrugada, ressaltam que existem características negativas. Teve ainda o produtor Matheus Giffoni, da TV Globo, que disse que gostava de trabalhar na madrugada, mas que cansou. Nas palavras dele, o trabalho de madrugada tem “prazo de validade”.

Acho que cada um é de um jeito, mas, assim, pelo que eu conversei com a galera que trabalhou antes, com a galera que trabalhou junto comigo, todo mundo fala que um ano é o prazo de validade. Você entra numa coisa do mau humor, o sono já perde o efeito. Eu sempre dormi oito horas, meu sono é muito regrado. No final o meu sono já não descansava, eu acordava destruído. O corpo te pede, né? O ser humano não é feito para dormir de dia e ficar acordado de noite. Durante um ano eu levei muito tranquilamente, dali em diante eu comecei a ter problema de sono, alteração de humor, entendeu? Madrugada engorda. Tem um monte de efeito aí que não é positivo. Tem data de validade (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor).

As questões relativas ao corpo são muito significativas do desgaste que o trabalho na madrugada pode causar no organismo humano. Os repórteres, apesar de muitas vezes se acharem super-heróis, não estão imunes a isso.

Já os jornalistas que disseram “sim” sobre gostar de trabalhar na madrugada enumeram alguns motivos para justificar as respostas: o aspecto financeiro, a autonomia profissional e o fato de não haver trânsito nas ruas. Em uma cidade grande como o Rio de Janeiro, só mesmo trabalhando de madrugada para fugir dos engarrafamentos. E foi alegando esse motivo que muitos profissionais justificaram sua preferência pelo horário.

Teve uma vez que jogaram uma granada na porta da 35ª DP, que fica em Campo Grande. Nós saímos por volta de uma da manhã do jornal e quarenta minutos depois a gente estava na porta da delegacia. Sem correr. Durante o dia da Central do Brasil até o Caju, em um dia de acidente ou de chuva, você vai levar até duas horas (PRADDI, 2016, entrevista concedida ao autor).

A parte financeira diz respeito às horas extras e ao adicional noturno que os trabalhadores da madrugada recebem. Desde 1946, três anos depois de sua promulgação original, a Consolidação das Leis do Trabalho – carta magna do direito trabalhista no Brasil – prevê uma remuneração diferenciada para quem trabalha em horário noturno.

Art. 73. Salvo nos casos de revezamento semanal ou quinzenal, o trabalho noturno terá remuneração superior a do diurno e, para esse efeito, sua remuneração terá um acréscimo de 20 % (vinte por cento), pelo menos, sobre a hora diurna.

§ 1º A hora do trabalho noturno será computada como de 52 minutos e 30 segundos.

§ 2º Considera-se noturno, para os efeitos deste artigo, o trabalho executado entre as 22 horas de um dia e as 5 horas do dia seguinte (BRASIL, 1943, art.73).

Além do chamado “adicional noturno”, como as jornadas de trabalho costumam ter o mesmo número de horas dos outros horários e tendo-se em vista que a hora do trabalho noturno por força da lei é de 52 minutos e 30 segundos, ou seja, 7 minutos e meio menor que a hora de trabalho nos demais horários, os profissionais da madrugada mesmo que não passem do horário previsto costumam ganhar horas extras. “O salário, não vou negar. O adicional noturno e as horas extras que eu fazia faziam toda a diferença no final do mês” (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor). Em relação à autonomia e à responsabilidade, os repórteres citaram o desafio que é cuidar de toda a produção de uma empresa de grande porte durante a madrugada. “Essa coisa de ser eu e mais duas pessoas ao longo de, sei lá, sete horas, sendo responsáveis por tudo que acontece no estado do Rio de Janeiro para uma das maiores emissoras do Brasil, se for parar para pensar, isso é muita coisa” (CONY, 2016, entrevista concedida ao autor).

Sobre as motivações de cada um a continuar no horário, a mais citada foi a perspectiva de crescimento profissional. A madrugada é a porta de entrada para muitos profissionais, principalmente os mais jovens, nas redações. Muitas vezes, o jornalista precisa – usando uma expressão coloquial – “pegar ou largar” a oportunidade. Lúcio Castro, da Band, por exemplo, trabalhava como repórter no interior e recebeu um convite para atuar na capital fluminense. O horário disponível para a vaga que surgiu era de madrugada. “Eu vim de outra cidade, que é uma estrutura menor, em que não se trabalhava de madrugada. Lá de madrugada, a vida jornalística simplesmente para e só volta no dia seguinte. No meu caso, foi um desafio pessoal e profissional” (CASTRO, 2016, entrevista concedida ao autor). Situação parecida viveu o produtor Matheus Giffoni, da Globo. “O que me motivou de cara foi a possibilidade de contratação. Eu fui para a madrugada como terceirizado temporário, depois virei temporário funcionário e ainda na madrugada é que eu fui efetivado por prazo indeterminado” (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor). A parte financeira também foi lembrada, apesar de muito repórteres falarem dela com timidez, como se não fosse legítimo continuar na

madrugada em função da remuneração. “Primeiro a parte financeira me motiva né. Em um país onde está uma crise dessa, o adicional é bom para mim” (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor). Alguns profissionais citaram também o ponto de vista pessoal. Luiz Carlos Janotti, técnico da Globo, diz que o horário de trabalho o ajuda a ter mais tempo com a filha. “Eu sou separado, então eu sou *pãe*⁷⁹. Quando eu chego em casa ela ainda está dormindo, eu tenho o dia livre para ela. Acordo, boto ela para o banho, dou o almoço e coloco ela no ônibus” (JANOTTI, 2016, entrevista concedida ao autor).

Em relação aos diferenciais que os profissionais da madrugada precisam ter, as respostas foram variadas e não encontramos categorias bem definidas. Porém, todas as características citadas enaltecem o repórter da madrugada. Como se trabalhar no horário não fosse uma tarefa para qualquer um. As respostas variaram de aspectos técnicos, como “saber lidar com a luz”, no caso dos fotógrafos, até características subjetivas e pessoais como “ter sangue frio” ou “não ter vontade de dormir”. “O cara da madrugada, o trabalhador da madrugada, tem que ter garra, primeiramente, vontade muito grande de trabalhar ali. Disposição. E tem que ter também um *feelingzinho*⁸⁰, sabe, da madrugada, porque é diferente” (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor). A resposta de Moabe resume os diferenciais enumerados pelos entrevistados. Uma resposta que chamou bastante atenção foi a do produtor Felipe Barcellos.

Experiência. Eu acho que não dá para ficar na madrugada uma pessoa que não tem nenhuma experiência com a apuração. Tipo um profissional que acabou de chegar e jogar na madrugada. Porque você não tem experiência para falar com os coleguinhas; você não tem experiência de fonte; coisas que durante o dia você tem ajuda mil para tudo quanto é coisa. Se você não consegue falar com o batalhão, liga para assessoria de imprensa para te passar as informações. De madrugada, não tem isso. Então, jogar uma pessoa na madrugada que acabou de se formar, eu acho que não é válido (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor).

A percepção de Felipe vai na contramão do que fazem as empresas jornalísticas. São raros os casos em que profissionais experientes vão para o horário da madrugada. Em geral, são os mais jovens – aqueles que ainda não gozam de tanto prestígio nem tempo de casa na organização jornalística em determinada função – aqueles que trabalham no horário. No entanto, apesar de divergir do usual, a opinião

⁷⁹ Gíria que junta as palavras “pai” e “mãe”. Quer dizer, pai solteiro.

⁸⁰ *Feeling*, em português, significa sentimento ou percepção. No caso, o entrevistado usou o diminutivo em português, no termo em inglês. O que ele quis dizer foi “uma pequena percepção”, “uma percepção básica”.

do produtor dialoga diretamente com o que observei ao longo deste trabalho. A madrugada exige uma determinada experiência do profissional. Se um iniciante for para a madrugada, ele terá que se virar sozinho para aprender e apreender as sutilezas e desafios que o horário impõe. Não há chefes nas redações e nem orientação – o repórter da madrugada precisa ser multifacetado. E para poder se sair bem na função, se não tiver experiência, o caminho pode ser mais árduo, doloroso e solitário.

Esse capítulo chega ao fim com as respostas daquela que, na maior parte das entrevistas, foi a última pergunta do nosso roteiro. Quando eu pedi para os entrevistados definirem os repórteres da madrugada, a ideia era provocar uma reflexão e um olhar deles sobre eles mesmos e seus pares. Importante destacar que, em todas as entrevistas, fiz a observação de que o repórter aqui não é apenas aquele com diploma de jornalista e que escreve. É todo produtor de conteúdo da madrugada inserido em uma equipe de reportagem, pois, como justificamos anteriormente, percebemos que todos os integrantes de uma equipe – especialmente durante a madrugada – participam da apuração e da produção de conteúdo. Antes, porém, de relatar as respostas dos nossos repórteres, gostaria de eu mesmo fazer uma reflexão. Afinal este é um trabalho reflexivo, uma vez que eu me insiro neste grupo de repórteres da madrugada.

Para mim, o repórter da madrugada é um desbravador. É um produtor de conteúdo que precisa lidar com condições adversas para conseguir descobrir algo sem os “meios tradicionais” e sem as fontes oficiais existentes e fartamente disponíveis ao longo do dia. O repórter da madrugada é um desbravador companheiro. A cadeia de solidariedade que presenciei nos meses de pesquisa e de trabalho é totalmente diferente do que já tinha visto em outro horário. Um desbravador também à moda antiga. Apesar de usar os recursos tecnológicos existentes hoje em dia, as redes sociais principalmente, é na rua que o repórter da madrugada apura, descobre e confirma histórias. Essa é a minha definição para o repórter da madrugada. Termino este capítulo dando voz a cada um dos entrevistados. São as visões de cada um sobre quem eles são.

Acho que ele tem que ser um cara de mil e uma utilidades. No meu caso, eu tinha que ser editor de texto e editor de imagem, escrever texto e apurar. Só aí são meio que quatro funções talvez numa redação normalmente durante o dia (CONY, 2016, entrevista concedida ao autor).

Acho que ele tem que ter a ideia do que uma pessoa que está acordando cedo quer saber quando ligar a televisão. Acho que não é para qualquer um. Por mais que seja um lugar que geralmente coloquem pessoas que está começando a carreira ou terminado a carreira, eu acho que para você fazer um bom trabalho tem que ser um profissional bastante completo, mesmo que seja inexperiente de idade ou de tempo de carreira. Como você está muito sozinho, você acaba fazendo muita coisa e sendo responsável por muita coisa, já que não tem outras pessoas para te ajudar a tomar decisão ou realmente a fazer o trabalho (SPONCHIADO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Olha, tem todos as tribos, sabe? Eu sou muito diferente do repórter da TV Globo que é muito diferente do repórter da Record, cada um é muito diferente, mas eu acho que o repórter da madrugada se torna um repórter mais leve, mais tranquilo para trabalhar, menos estressado, menos tenso, menos preocupado (RESENDE, 2016, entrevista concedida ao autor).

Um maluco que não dorme, mas que tem uma das missões das mais nobre, vamos dizer assim, porque é o único repórter de uma grande emissora naquele horário. Você se torna o cara e as pessoas esperam muito de você. E eu acho que a gente tem que ser mais super-herói que os outros repórteres porque a gente tem que ter esses super poderes que eu já te falei. Você acaba que tem uma missão muito maior, porque você é o cara daquele horário ali. Só tem você. Ou você constrói uma história bacana ou você se afunda rapidamente, porque se não render você não fica (QUEIROZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

(...) Tem que ser um cara muito focado no que está fazendo. Tem que ser um cara atento (CARDOSO, E., 2016, entrevista concedida ao autor).

Um repórter na madrugada depende do apurador que está no ar e também porque eles têm que trocar informação juntos. É um trabalho de equipe, não dá para trabalhar sozinho. Não tem como o repórter da madrugada dizer: “eu faço tudo” (BARCELLOS, 2016, entrevista concedida ao autor).

É muita responsabilidade, muita. Para confirmar a matéria, só indo no local. E é um risco, você abandona a redação para ir. Vai acordar o PM que está dormindo? Deus me livre. Assessor, que assessor? Ele está dormindo, tem muita dificuldade. O cara tem que ser muito esperto, tem que ter jogo de cintura, tem que ser muito malandro e ter cuidado na apuração. Porque é fácil, fácil. Você está ali no fio da navalha. Se escrever uma vírgula errada, muda o sentido da frase e entra de gaiato, é complicado, perigoso. Tem que ter responsabilidade e atenção (ERNESTO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Ah, eu diria que ele tem que ser perspicaz, ser muitas vezes mais insistente, mais paciente, mais compreensivo. É estar mais atento à notícia nesse sentido. Saber que ele vai ter dificuldade para apurar. Coisa boa, quente, a gente não vai ter condição de apurar (CASTRO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Tem que ser guerreiro, cara. Porque você deixa de fazer muita coisa. Se você for uma pessoa que gosta de sair, você perde sua vida social. Então você tem que gostar do que está fazendo, tem que gostar da madrugada, porque não é para qualquer um não. (JANOTTI, 2016, entrevista concedida ao autor).

O bom repórter da madrugada é aquilo que eu acabei de dizer a você: um cara que não pode ter preguiça, que tem que exercitar muito o discernimento dele de avaliação do que é notícia do que que não é notícia e que tem que acreditar muito

nas matérias. Toda vez que ele correr ele tem que ir para a rua com um olhar diferente e mesmo quando ele não está trabalhando. O jornalista é jornalista 24 horas por dia. Você não deixa de ser jornalista em nenhum momento. Você tem que estar olhando, procurando, tentando enxergar onde tem uma notícia interessante e, quando estiver trabalhando, fazer essas notícias (MOREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Um cara que não dorme, pelo menos durante a madrugada. Definiria ele como um repórter normal. Não acho que ele tenha que ter uma habilidade maior. A única coisa que ele tem que ter a mais é paciência, porque é um exercício de paciência (JESUS, 2016, entrevista concedida ao autor).

Não adianta você colocar na madrugada uma pessoa que não quer fazer, de querer ir lá e ver. “Ah, não vou porque é perigoso”. Perigoso você não vai aqui em Botafogo porque no Santa Marta tem tiro. Perigoso você não vai na Barra, porque você passa na porta da Rocinha. Tem que estar nessa questão do querer. Não se arriscar porque a vida da gente é mais importante do que tudo, mas, sabe, pelo menos tentar (CARDOSO, M., 2016, entrevista concedida ao autor).

Precisa ser proativo porque não tem chefe para te cobrar. A decisão de fazer o seu melhor tem que vir de você. Pró-atividade primeiro. Agilidade, porque vai chegar um momento do dia e geralmente é às quatro da manhã que você vai estar fazendo quatro funções ao mesmo tempo, então você tem que ser ágil. Parceria, eu acho, também (GIFFONI, 2016, entrevista concedida ao autor).

Um colaborador (ROCHA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Tem que ter audácia na rua. De noite é tudo pior. Se você não tiver audácia você não consegue extrair nada de ninguém. Você não pode ter medo, não pode ter vergonha de chegar no delegado e ele te dar um fora. Você não pode ter medo de chegar num policial. Você tem que ser audacioso e ao mesmo tempo tem que ser persuasivo também (MILANEZ, 2016, entrevista concedida ao autor).

Guerreiro. Porque a gente está indo como se fosse numa contramão. Enquanto está todo mundo descansando ali, a gente está tentando ser o olho e o ouvido da população no que está acontecendo no momento obscuro do mundo, entendeu? Porque você está tentando trazer para a galera que está acordando de manhã a realidade do Rio de Janeiro e tem que ter aquela disposição muito grande, uma coragem né? (FERREIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

O repórter fotográfico da madrugada tem que ser uma pessoa que tenha coragem. Você tem que ter muita perseverança, muito conhecimento de locais. Você tem que ser uma pessoa cautelosa. Você tem que ter muito jogo de cintura, porque às vezes vai abordar certas situações que vão te exigir. O fotógrafo é sempre mal recebido nessas situações assim. Porque quando é para socialite, para sair na parte social, todo mundo quer sair, mas na coluna policial ninguém quer sair (PRADDO, 2016, entrevista concedida ao autor).

Ele pode ser cuidadoso, porque tem que ser mais cuidadoso porque a cidade vai estar mais desprotegida, digamos assim, porque não tem tanto policiamento (TEIXEIRA, 2016, entrevista concedida ao autor).

Eu acho que eu tenho que ser paciente, mas ágil, ágil. Você imagina de dia alguém ficar 40 minutos esperando para ver se alguém vai falar com você? Não existe. De dia isso não existe. De madrugada é normal. Quantos dias você não passou na porta

da DH esperando para ver se algum policial falaria alguma coisa. Trinta anos depois o cara aparece para falar com você. De dia, se não quiser falar, vai o texto do jeito que está (CHAGAS, 2016, entrevista concedida ao autor).

Eu acho que o repórter da madrugada é muito repórter. Ele é muito repórter, por conta da falta de blindagens, tipo assessorias que te dão o posicionamento oficial por determinada coisa ou não – isso para linhas gerais porque tem muitos meandros aí no meio (NASCIMENTO, 2016, entrevista concedida ao autor).

O cara tem que ter conhecimento e humildade acima de tudo. Tem que ser humilde, escutar o cinegrafista, escutar o operador (MARTINIANO, 2016, entrevista concedida ao autor).